

NOVE OLHARES SOBRE O QATAR

Percepções em torno da primeira
Copa do Mundo no Oriente Médio

JONAS RIBEIRO DE SANTANA

NOVE OLHARES SOBRE O QATAR

**Percepções em torno da primeira
Copa do Mundo no Oriente Médio**

JONAS RIBEIRO DE SANTANA

Nove olhares sobre o Qatar
Percepções em torno da primeira Copa do Mundo no
Oriente Médio

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Livro-reportagem
Jonas Ribeiro de Santana

Orientação
Professor Doutor Luciano Victor Barros Maluly

São Paulo
2023

À minha mãe, Marta, e a todos os meus ancestrais que
não tiveram as mesmas oportunidades que eu

SUMÁRIO

SUMÁRIO	5
PREFÁCIO	6
NOOF AL-DOSARI	15
TALEB AL-ADBAH	19
MAHFOUD AMARA	29
BADER EMAD ALMASKATI	38
IBRAHIM MOHAMED ALI	47
TAREK ELIAS	54
MIKKEL GLØMMEN EGE	66
LUDWIG STRÖM	75
ARLENE ELIZABETH CLEMESHA	82
FUTURO	89
POSFÁCIO	92
AGRADECIMENTOS	98
REFERÊNCIAS	104

PREFÁCIO

A Copa do Mundo no Qatar será lembrada como a primeira no Oriente Médio. A vigésima segunda edição também foi a última com a participação de 32 seleções, antes da expansão prevista para 48 equipes. O torneio aconteceu de maneira inédita no final do ano, de 20 de novembro a 18 de dezembro de 2022, durante o inverno do hemisfério norte, devido às altas temperaturas do verão qatari.

Ao todo, os estádios receberam 3,4 milhões de pessoas, ante 3 milhões na edição de 2018. A média de público por partida também teve um crescimento, chegando a 53.191 espectadores (47.371 foi a média no Mundial na Rússia)¹.

Com quase 89 mil pessoas presentes, três partidas disputadas no estádio Lusail alcançaram o maior público da história da Copa do Mundo desde a final de 1994. Além disso, a final teve

¹ ONE Month On: 5 billion engaged with the Fifa World Cup Qatar 2022™. Fifa, 18 jan. 2023. Disponível em: <https://www.Fifa.com/tournaments/mens/worldcup/qatar2022/news/one-month-on-5-billion-engaged-with-the-Fifa-world-cup-qatar-2022-%E2%84%A2>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

um alcance próximo a 1,5 bilhão de telespectadores de todo o mundo, superando o número de 1,1 bilhão da edição anterior. Mais de 1,4 milhão de pessoas visitaram o país durante o Mundial.

No Brasil, a competição atraiu 173 milhões de espectadores (81% da população total). A final alcançou uma média de 36,9 milhões de pessoas assistindo ao vivo na TV Globo, SporTV e SporTV2. Isso equivale a 17,8% da população no território e foi o maior público de uma partida sem a seleção brasileira no torneio. O Mundial também foi transmitido de forma inédita pela internet em parceria com o streamer do YouTube Casimiro e o ex-jogador Ronaldo.

Pela primeira vez em 20 anos e terceira vez no geral, os vencedores da fase de grupos vieram de quatro confederações diferentes. Além disso, Stéphanie Frappart fez história ao se tornar a primeira mulher a arbitrar uma partida final da Copa do Mundo masculina da Fifa, formando o primeiro trio feminino de arbitragem no megaevento.

Marrocos fez história ao se tornar a primeira seleção africana a chegar às semifinais da competição, além de se juntar a um seletí grupo de equipes do continente que lideraram um grupo desde a Nigéria em 1998. Eles também foram a primeira

equipe africana a conquistar sete pontos em um grupo na Copa do Mundo.

Japão, Coreia do Sul e Austrália também fizeram história ao se classificarem para as oitavas de final. Nunca antes três seleções da Confederação Asiática de Futebol foram tão longe juntas.

Foram marcados 172 gols ao longo da competição, superando o recorde anterior de 171 gols em 1998 e 2014.

No aspecto individual, Cristiano Ronaldo se tornou o primeiro homem a marcar em cinco Copas do Mundo. Lionel Messi fez história com sua vigésima sexta aparição na competição e se tornou o primeiro jogador a marcar em quatro partidas consecutivas de fase eliminatória desde a introdução das oitavas de final, em 1986. Aos 18 anos e 110 dias, Gavi, da Espanha, tornou-se o mais jovem a marcar um gol desde Pelé, em 1958.

A Copa do Mundo no Qatar foi um evento de grande magnitude e relevância no ambiente futebolístico, mas os números oficiais não contam toda a história. Essa edição também foi marcada por polêmicas que abordam questões

políticas e sociais. O choque cultural entre o Ocidente e o Oriente foi um elemento presente desde a escolha do país-sede até o encerramento do torneio.

O livro "Nove Olhares Sobre o Qatar" busca apresentar diferentes perspectivas sobre o primeiro Mundial em um país-sede de maioria muçulmana, a partir de assuntos debatidos durante a competição que parou o mundo por 28 dias.

Pesquisadores, internacionalistas e cientistas políticos, de origens ocidental e oriental, foram convidados a partir de sua experiência acadêmica a refletirem a respeito de temas centrais que ajudam a compreender o enredo seguido nesta edição da Copa do Mundo.

Durante os meses de fevereiro a maio de 2023, foram realizadas entrevistas por meio de videochamadas, troca de áudios e até por e-mail. A intenção é mostrar a visão desses profissionais sobre a cobertura midiática durante a competição e refletir sobre como a imprensa tem o poder de influenciar debates e opiniões em todo o mundo.

Uma das polêmicas abordadas está relacionada ao conceito de "sportswashing". Após o país vencer a corrida para sediar o

torneio, em 2010, o Qatar Sports Investments adquiriu uma porcentagem significativa do Paris Saint-Germain, além de ter fechado com o Barcelona para exibir o nome da "Qatar Foundation" em seu uniforme. As ações são consideradas por algumas entidades e ativistas uma forma de "lavagem esportiva", quando um governo busca melhorar sua reputação por meio de investimentos no esporte.

Outra questão controversa foi a venda de bebidas alcoólicas durante a Copa do Mundo. O Qatar, como um país de maioria muçulmana, proíbe o consumo de álcool em público. Ao longo do torneio, os pontos de venda de cerveja nos arredores dos estádios foram removidos, mas os torcedores ainda podiam consumir bebidas alcoólicas em locais designados, como o Fifa Fan Festival, e em áreas VIP selecionadas nos estádios². Essa medida foi considerada liberal dentro dos padrões locais, mas gerou polêmica devido à sua divulgação dois dias antes do início da competição³.

O sistema kafala, que também é aplicado em outros países do Oriente Médio, como Arábia Saudita e Emirados Árabes

² CATAR bane venda de álcool nos estádios na Copa do Mundo; saiba onde torcedores podem beber. G1, 18 nov. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/copa-do-catar/noticia/2022/11/18/catar-bane-venda-de-alcool-nos-estadios-na-copa-do-mundo-do-catar.ghtml>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

³ Fifa Statement: Sale of Alcoholic beverages. Fifa, 18 nov. 2022. Disponível em: <https://www.fifa.com/tournaments/mens/worldcup/qatar2022/media-releases/Fifa-statement-sale-of-alcoholic-beverages>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

Unidos, foi um tema de preocupação durante a preparação para o Mundial. Esse regime faz com que trabalhadores estrangeiros, geralmente de países pobres do sul da Ásia, sejam contratados por empregadores locais e fiquem presos aos seus “patrocinadores” sem permissão para mudar de emprego ou encerrar seus contratos. O sistema implica em abusos e condições análogas à escravidão.

Pressionado por entidades internacionais, o Qatar assinou um acordo em 2017 com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), comprometendo-se a seguir práticas internacionais de relações de trabalho. Foram implementadas reformas que permitiram aos trabalhadores mudar de emprego e sair do país sem a permissão do empregador⁴.

No entanto, em 2021, foi revelado pelo jornal britânico The Guardian que mais de 6.500 trabalhadores haviam morrido no Qatar desde que o país foi escolhido como sede da Copa do Mundo⁵. Esses dados levantaram preocupações sobre as condições de trabalho e os direitos humanos.

⁴ CATAR: Quatro anos de reformas laborais no Catar. Organização Internacional do Trabalho, Doha, 1 nov. 2022. Disponível em:
https://www.ilo.org/lisbon/whatsnew/WCMS_860135/lang--pt/index.htm. Acesso em 25 de jun. de 2023.

⁵ PATTISSON, Pete. et al. Revealed: 6,500 migrant workers have died in Qatar since World Cup awarded. The Guardian, 23 fev. 2021. Disponível em:
<https://www.theguardian.com/global-development/2021/feb/23/revealed-migrant-worker-deaths-qatar-Fifa-world-cup-2022>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

A questão LGBTQIA+ também foi um ponto de tensão ao longo do torneio. No Qatar, a atividade sexual entre pessoas do mesmo sexo é proibida e pode resultar em punições severas, incluindo pena de prisão ou até mesmo a morte. Essa legislação gerou restrições à exibição de símbolos de arco-íris durante o evento, além de uma repressão a torcedores, apesar do discurso de que “todos são bem-vindos”. Também foi proibido o uso de braçadeiras com a frase "One Love"⁶, usadas por alguns capitães de seleções como forma de protesto contra as leis anti-LGBTQIA+ no país, o que gerou debates e descontentamento entre o público ocidental.

Apesar das restrições relacionadas à bandeira do arco-íris, a presença de símbolos da Palestina em partidas, principalmente envolvendo a seleção de Marrocos, trouxe à tona o questionamento sobre o que é considerado político no contexto do futebol. Enquanto algumas manifestações são vistas como inaceitáveis e proibidas, outras são permitidas. Esse cenário levanta debates sobre a seletividade e a falta de coerência nas políticas relacionadas aos símbolos e manifestações durante as partidas.

⁶ ENTENDA o que é a braçadeira 'One Love' e por que a Fifa a proibiu. Folha de S.Paulo, 24 nov. 2022. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2022/11/entenda-o-que-e-a-bracadeira-one-love-e-por-que-a-Fifa-a-proibiu.shtml>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

No que diz respeito ao futebol feminino, a seleção do Qatar enfrenta uma situação inusitada. A equipe feminina não disputa uma partida oficial desde 2014⁷ e não aparece no ranking da Fifa. Embora tenha sido prometido um retorno à atividade para a seleção feminina por meio de um vídeo promocional para a Copa do Mundo de 2022, a realidade ainda é incerta.

Olhando para o futuro, a possibilidade de sediar a Copa do Mundo de 2030 é uma meta para a Arábia Saudita. O país está empenhado em usar o esporte para melhorar sua reputação internacional⁸. Os investimentos bilionários feitos por clubes sauditas, como as contratações de Cristiano Ronaldo e Neymar⁹, refletem o crescente interesse e ambição do país no mundo do futebol e os impactos já chegaram no Brasil. Com uma competição local agora cheia de estrelas, o recém-lançado

⁷ AMES, Nick. From women's team to grassroots game: questions linger in Qatar. The Guardian, Doha, 30 Mar. 2023. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2023/mar/30/from-the-womens-team-to-grassroots-football-questions-lingering-in-qatar-after-world-cup>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

⁸ DE olho na Copa do Mundo 2030? Arábia Saudita assume controle de quatro clubes e busca grandes astros do futebol mundial. Lance!, Riade, 07 jun. 2023. Disponível em:

<https://www.lance.com.br/futebol-internacional/de-olho-na-copa-do-mundo-2030-arabia-saudita-assume-controle-de-quatro-clubes-e-busca-grandes-astros-do-futebol-mundial.html>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

⁹ NEYMAR é do Al-Hilal: time da Arábia Saudita anuncia contratação. GE, Riade, 15 ago. 2023. Disponível em:

<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-saudita/noticia/2023/08/15/neymar-e-do-al-hilal-time-da-arabia-saudita-anuncia-contratacao.ghtml>. Acesso em 27 de ago. de 2023.

canal brasileiro Goat fechou um contrato para transmitir até 2025 partidas da liga saudita pelo YouTube¹⁰.

No entanto, a questão dos direitos humanos é um fator que levanta questionamentos sobre quais países seriam capazes de atender às demandas para sediar uma Copa do Mundo, caso os critérios sejam baseados exclusivamente nesse aspecto.

¹⁰ VAQUER, Gabriel. Canal brasileiro vai exibir jogos de liga da Arábia Saudita com Cristiano Ronaldo. Folha de S.Paulo, 4.agosto. Disponível em:
<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2023/08/canal-brasileiro-vai-exibir-jogos-de-liga-da-arabia-saudita-com-cristiano-ronaldo.shtml>. Acesso em 27 de ago. de 2023.

NOOF AL-DOSARI

Noof Al-Dosari é uma mulher qatari e doutoranda na Universidade de Essex, no Departamento de Governo. Possui mestrado em políticas públicas pela Universidade Hamad Bin Khalifa, no Qatar, e licenciatura em literatura inglesa, assuntos internacionais e linguística pela Universidade do Qatar.

Sua tese de doutorado aborda a política externa do Conselho de Cooperação do Golfo (GCC). Ela pesquisa o discurso político dos estados da região e a influência da ideologia Khalijism na formulação de políticas externas do GCC em relação ao Irã e à crise dos países do Golfo¹¹.

Atualmente, Al-Dosari é licenciada como assistente de ensino na Universidade do Qatar, no Departamento de Assuntos Internacionais - Programa de Políticas Públicas.

¹¹ AL-DOSARI, Noof. Gulf Cooperation Council (GCC) Foreign Policy Discourse: Iranian Threat, Gulf Crisis and the Question of Khalijism. 2020. PhD thesis – University of Essex.

Em 2014, ela também foi associada à ONG internacional Silatech, que conecta jovens ao empreendedorismo. Um ano antes, atuou como assistente de pesquisa em meio período no Centro de Pesquisa para Legislação e Ética Islâmica, da Cidade da Educação.

“A Copa do Mundo no Qatar superou minhas expectativas”, diz Noof Al-Dosari, que não é muito fã de futebol, mas assistiu a alguns jogos do torneio.

A pesquisadora avalia que alguns meios de comunicação e canais internacionais, principalmente os ocidentais, apresentaram análises negativas sobre o país-sede antes e depois do Mundial. No entanto, ela considera que o Qatar alcançou seus objetivos com a realização do megaevento.

Na visão de Al-Dosari, o grande legado da Copa do Mundo para o país foi se tornar o primeiro estado árabe muçulmano a sediar o torneio de proporções globais. Além disso, ela acredita que o evento representou a imagem real do Oriente Médio, promovendo o intercâmbio cultural entre as nações.

A mestre em políticas públicas diz que o Mundial contribuiu para a construção de relações pacíficas entre diferentes nações, favorecendo laços políticos e econômicos por meio da diplomacia esportiva.

Ele é crítica aos que usam o conceito sportswashing (lavagem esportiva) para definir o Mundial do Qatar e questiona por que a expressão não é usada para se referir a países como os Estados Unidos, que intervieram no Iraque e no Afeganistão, ou a França que, segundo a pesquisadora, já quis cobrir seus atos coloniais e imperiais na Líbia e na Argélia.

“Por que, então, não podemos dizer que os estados liberais-democráticos anfitriões da Copa do Mundo fazem sportswashing?”

Para a pesquisadora, as reações negativas sobre o fato de o evento ter sido sediado no Qatar foram permeadas por preocupações com os direitos humanos, mas também revelaram um viés xenofóbico.

Al-Dosari diz que, por não ser um país europeu, o Qatar foi frequentemente retratado de forma orientalista na discussão sobre ter o direito ou não de sediar o evento.

Durante a Copa do Mundo, foi possível notar a presença da bandeira palestina, inclusive com jogadores da seleção marroquina, um gesto que a qatari interpreta como um ato de solidariedade à Palestina.

Sobre a visão do governo do Qatar em relação à comunidade LGBTQIA+, Al-Dosari considera que não houve mudanças significativas após o torneio.

TALEB AL-ADBAH

Taleb Al-Adbah, 34, é qatari, pesquisador de mídia e trabalhou por dois anos como assessor de relações públicas no escritório do CEO da Qatar Media Services. Como membro do comitê de caça tradicional, visitou locais de festivais em outros países para observar a falcoaria, prática tradicional no Qatar de criar falcões para caça.

Ele é doutor em comunicações estratégicas pela Universidade da Flórida Central e mestre em comunicação de massa e gestão de comunicação estratégica pela Universidade do Sul da Flórida. Também é bacharel em comunicação de massa e estudos de mídia pela Universidade do Qatar.

Embora seja qatari, Al-Adbah assistiu à Copa do Mundo nos EUA, onde está fazendo seu doutorado. Nos últimos cinco anos, ele se dedicou a analisar a perspectiva internacional e

nacional sobre a escolha do Qatar para sediar a Copa do Mundo de 2022.

Após a seleção qatari ser eliminada na fase de grupos, ele passou a torcer pelo time do Marrocos. "Eu sou um cara movido pela minha identidade árabe", diz.

Seu clube preferido é o Paris Saint-Germain, não por causa do Qatar, que é dono da equipe francesa, mas por causa do atacante Kylian Mbappé.

"Gosto de jogadores que têm uma boa integridade. Mbappé tem grandes valores. É por isso que torço por ele."

Al-Adbah avalia que o torneio atendeu às expectativas do Qatar e atingiu os objetivos de alterar a percepção negativa sobre os países do Oriente Médio.

"Vimos que entre as pessoas que visitaram o país, há muitos posts nas redes sociais falando sobre esse assunto."

Segundo o especialista em comunicação estratégica, tanto a cobertura da imprensa nacional quanto a dos canais árabes seguiram a mesma estratégia de abordar os fatos positivos que

ocorreram na região e coletar a perspectiva de pessoas estrangeiras e sua experiência no Qatar.

"Eles não pressionaram e fizeram uma estratégia de mídia para tentar encontrar algo bom para promover seu país."

De acordo com Taleb Al-Adbah, a imprensa internacional também cobriu o Qatar como um novo destino, embora alguns veículos tentassem promover uma imagem negativa do país. Em sua avaliação, 90% das notícias internacionais cobriram a Copa do Mundo de forma positiva.

"Se foi positivo ou negativo, é tudo a mesma coisa para mim. O importante é cobrir a verdade para que todos ao redor do mundo possam ver."

Al-Adbah diz que sediar a Copa do Mundo faz parte da Visão Nacional do Qatar 2030¹², um plano de desenvolvimento governamental que tem o objetivo de transformar o país em uma sociedade avançada, promovendo o desenvolvimento sustentável e garantindo um alto padrão de vida para as gerações futuras.

¹² QATAR National Vision 2030. The Amiri Diwan, 2023. Disponível em: <https://www.diwan.gov.qa/about-qatar/qatar-national-vision-2030>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

Segundo o pesquisador de mídias, o Qatar durante o Mundial conseguiu divulgar sua cultura para todos, impulsionado pela construção do estádio Al Bayt, no formato de uma tenda qatari tradicional.

Ele também destaca a popularização do uso do bisht, um manto preto colocado no melhor jogador do torneio, o argentino Messi, pelo emir do Qatar, Tamin bin Hamad Al Thani, após o final da Copa do Mundo¹³.

"O bisht é o ícone mais importante de nossa cultura. Quando alguém lhe dá um, significa que você está no topo da prioridade e é a pessoa mais importante para ela."

Taleb Al-Adbah ainda faz uma comparação entre a popularidade da gutra, lenço xadrez branco e vermelho usado pelos homens na cabeça, e a vuvuzela, corneta que ficou conhecida na Copa do Mundo de 2010, na África do Sul. Durante as partidas do Mundial, ele viu muitas pessoas usando o acessório qatari.

O pesquisador também cita uma estratégia do Qatar para impulsionar o turismo local. Na Copa do Mundo, o país

¹³ O que é o bisht? Entenda sobre o manto que Messi vestiu ao levantar a taça. Exame, 19 dez. 2022. Disponível em: <https://exame.com/casual/o-que-e-o-bisht-entenda-sobre-o-manto-que-messi-vestiu-ao-levantar-a-taca/>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

implementou o cartão Hayya, um documento de identificação que permitia o acesso dos torcedores aos estádios, transporte público gratuito e outros benefícios durante sua estadia no Mundial¹⁴.

Ao todo, mais de 2,4 milhões de pessoas locais e estrangeiras portavam esse documento. Solicitantes de países como Arábia Saudita, Índia, Egito, Marrocos, EUA, Reino Unido, Jordânia, Kuwait, Sudão e Argentina foram as principais nacionalidades a adquirir o Hayya.

A identidade emitida pelo governo tinha validade até janeiro de 2023, mas o Ministério do Interior anunciou sua prorrogação até 2024¹⁵.

Al-Adbah acredita que o Qatar utiliza o esporte como uma forma de *soft power* (“poder de influência”, em tradução livre), e essa estratégia tem sido altamente eficaz. Ele lembra que o país já sediou a Copa do Mundo de Handebol em 2015, além de possuir um dos canais esportivos mais populares do mundo, o beIN.

¹⁴ HAYYA Card now valid until Jan 2024. Qatar tribune, 31 jan. 2023. Disponível em: <https://www.qatar-tribune.com/article/47226/front/hayya-card-now-valid-until-jan-2024>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

¹⁵ QATAR extends Hayya Card validity for visitors until Jan 2024. Gulf Times, 30 jan. 2023. Disponível em: <https://www.gulf-times.com/article/654435/qatar/moi-announces-validity-extension-of-hayya-card-for-fans-and-organisers>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

"Os qataris utilizam o esporte porque sabem que ele é um patrimônio com uma grande base de torcedores. As pessoas que acompanham não têm qualquer base política, religiosa ou étnica. Elas assistem ao esporte porque é esporte."

Sobre a proibição do consumo de álcool em áreas públicas durante o torneio, o pesquisador qatari considera que, embora tenha sido alvo de controvérsias, a medida foi a correta para proteger a todos.

"Se dependesse de mim, proibiria o consumo de álcool em todos os lugares, exceto nos quartos de hotel. Não gosto de ver pessoas consumindo álcool, pois isso é prejudicial. Essa medida foi adotada não apenas pelo país, mas também para garantir a segurança dos torcedores estrangeiros."

Quanto à exibição da bandeira da Palestina por jogadores árabes, Al-Adbah avalia que o movimento foi uma resposta ao debate sobre a proibição das cores do arco-íris, que simbolizam a comunidade LGBTQIA+, no país-sede.

Al-Adbah diz que ser hóspede no Qatar é muito importante e visto como "um privilégio" para os qataris, mas defende que a cultura local deve ser preservada.

"Levantar a bandeira LGBTQIA+ pode afetar minha religião. Sinto muito, não posso aceitar. Isso não está relacionado à personalidade ou ao estado psicológico da pessoa, mas sim à minha religião e à expressão disso para a comunidade."

Para ele, a visão do Qatar em relação à diversidade de gênero e sexualidade permanece inalterada após a Copa do Mundo, devido às restrições impostas pelo islamismo.

Se o país foi palco de choques culturais durante a Copa, a atmosfera no final do torneio era outra, avalia Al-Adbah.

A final foi marcante devido à presença de Mbappé e Messi. Com base na teoria da credibilidade da fonte ou na estratégia de publicidade das celebridades, ambos são jogadores únicos e possuem diferentes segmentos de fãs.

"Quando eles se uniram, foi uma oportunidade incrível para os fãs de futebol ao redor do mundo verem o Qatar em uma posição diferente. E isso é o que importa."

Segundo o pesquisador, apesar de o país não ter passado por mudanças significativas após o torneio, o Qatar adotou uma nova estratégia para promover sua cultura por meio do estilo

de vida, culinária tradicional e vestimentas típicas. Alguns exemplos são a gutra (chapéu tradicional masculino), o agal (cordão usado para segurar a gutra) e a abaya (vestimenta tradicional)¹⁶.

Depois da competição, porém, o qatari compartilha a preocupação de seus familiares em relação ao aumento de preços durante e após o Mundial. "São pessoas de classe média que não conseguem arcar com os custos de vida após a Copa do Mundo."

Ele destaca que esse fenômeno já foi observado em outros países que sediaram o evento. Para o pesquisador, isso ressalta a importância de as nações que desejam receber a Copa do Mundo desenvolverem planos estratégicos para lidar com o desafio.

Sobre a retomada da seleção feminina de futebol no Qatar, o mestre em comunicação de massa considera que a medida não é uma mera estratégia de marketing. Ele menciona que as equipes femininas de diversos esportes no Qatar surgiram na década de 1990, mas só foram oficializadas a partir de 2006.

¹⁶ KNOPLOCH, Carol. Saiba como a religião e a tradição determinam o guarda roupa dos muçulmanos no Catar. O Globo, 19 nov. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/noticia/2022/11/saiba-como-a-religiao-e-a-tradicao-determinam-o-guarda-roupa-dos-muculmanos-no-catar.ghtml>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

"Há um desenvolvimento contínuo das equipes femininas em meu país. Conheço muitas mulheres que praticam futebol, tiro esportivo e equitação."

O pesquisador vê com bons olhos a ideia de a Arábia Saudita sediar a Copa do Mundo de 2030, considerando a nova política implementada no país árabe. Ele destaca que a nação está se tornando mais aberta após uma mudança de ideologia e atribui as reformas que estão sendo aplicadas à juventude saudita.

Para Al-Adbah, caso a Arábia Saudita ganhe a corrida para sediar o Mundial, será uma excelente oportunidade para mostrar que o país é diverso cultural e geograficamente.

O Qatar sediará a Copa do Mundo de Basquetebol de 2027 e está trabalhando para que Doha se torne uma das principais cidades esportivas do Oriente Médio e do mundo.

Al-Adbah menciona que o país já é reconhecido por abrigar um dos principais hospitais esportivos do mundo, onde até mesmo

Neymar passou por uma cirurgia no joelho em março de 2023¹⁷.

¹⁷ NEYMAR posa com médicos no hospital após cirurgia no tornozelo feita no Catar. GE, Paris, 10 mar. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-frances/noticia/2023/03/10/neymar-posa-com-medicos-no-hospital-apos-cirurgia-no-tornozelo-feita-no-catar.ghml>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

MAHFOUD AMARA

Mahfoud Amara, 47, nasceu na Argélia e mora há sete anos no Qatar, onde atua como professor associado em gestão esportiva e ciências sociais no Departamento de Educação Física da Universidade do Qatar. De junho de 2017 a março de 2021, ocupou o cargo de diretor do Programa de Ciências do Esporte na Faculdade de Artes e Ciências na mesma instituição

Amara também foi professor assistente em ciências sociais e gestão esportiva e vice-diretor do Centro de Estudos e Pesquisas Olímpicas na Escola de Esporte, Exercício e Ciências da Saúde da Universidade de Loughborough, no Reino Unido, onde viveu por 20 anos.

O argelino realizou pesquisas para diversas entidades nacionais e internacionais, incluindo a Academia Britânica, Comissão Europeia, Unesco, BBC e ICSS. Ele foi convidado a falar em conferências internacionais sobre o esporte no Oriente Médio e no Norte da África, e participou de debates que discutiam o esporte e o multiculturalismo na Europa.

Amara é autor e editor de livros, incluindo: "Política Esportiva e Sociedade no Mundo Árabe" (Tradução livre de "Sport Politics and Society in the Arab World" - Palgrave and Macmillan, 2012); "Esporte no Islã e nas Comunidades Muçulmanas" (Tradução livre de "Sport in Islam and in Muslim Communities" - Routledge, 2015), co-editado com Alberto Testa; "Esporte no Mundo Africano" (Tradução livre de "Sport in the African World" - Routledge, 2018), co-editado com John Nauright; e "O Movimento Olímpico e o Oriente Médio e Norte da África" (Tradução livre de "The Olympic Movement and the Middle East and North" - Routledge, 2018)..

Mahfoud Amara assistiu a cinco partidas em estádios na Copa do Mundo do Qatar. Como a Argélia não se classificou, torceu para Inglaterra e França, mas diz que sua favorita era a Argentina.

"A Argélia, assim como o resto do mundo árabe, está dividida entre Brasil e Argentina ou Itália."

Sua expectativa era que esta fosse uma das melhores Copas do Mundo, pelo menos do ponto de vista do desempenho esportivo, da logística e dos estádios.

“Tenho participado de vários eventos desportivos e o último foi o Campeonato do Mundo de Atletismo em 2019, organizado no Qatar ao mais alto nível.”

Ele conta que havia dúvidas sobre como o Qatar lidaria com o número de visitantes e questões de segurança. Mas para ele a realidade superou as expectativas.

“Foi um dos eventos de futebol mais seguros que eu fui na minha vida, em termos de ser voltado para família e ser muito festivo.”

Amara reconhece que muitos jornalistas buscaram compreender o significado da Copa do Mundo para o Qatar, assim como outros aspectos culturais, políticos e econômicos do país. No entanto, ele acredita que houve uma cobertura negativa da imprensa desde o início do torneio, citando como exemplo o jornal britânico The Guardian.

“Houve uma série de exageros e várias informações enganosas em títulos sobre, por exemplo, a morte dos trabalhadores e

outras questões, e o tipo de números que foram apresentados não foram validados.”

Segundo Amara, o Qatar sentiu que recebeu críticas de forma desproporcional em comparação com outros países e cidades que sediaram a Copa do Mundo. Para ele, essa abordagem pode estar relacionada ao fato de a nação como anfitrião do evento ser árabe e muçulmana.

Apesar disso, o professor diz que o status do Qatar perante o mundo vem mudando desde quando venceu a corrida para sediar a competição, em 2010, o que colocou o país no mapa internacional.

“O sentimento geral que as pessoas têm aqui é de que o Qatar foi um sucesso e superou as expectativas na hora de organizar essa Copa do Mundo.”

Para o argelino, todas as nações manipulam o esporte de acordo com seus próprios interesses, mas a sensação é de que apenas o Qatar e a Arábia Saudita fazem sportswashing, porque são países que não estão no centro das decisões mundiais.

“Elas [Qatar e Arábia Saudita] são nações que estão chegando para competir com as dominantes nos esportes globais.”

O pesquisador acredita que, agora, os qataris e o Oriente Médio não se importam mais em se abrir para o Ocidente. Ele diz que a Copa do Mundo foi importante para mudar o estereótipo sobre a região e mostrar que há outras dinâmicas acontecendo com as pessoas de países da região.

“A Copa do Mundo foi importante, mas talvez o Oriente Médio não esteja tão interessado em mostrar que precisam estar abertos para que o Ocidente os entenda. Talvez precisemos mudar essa mentalidade.”

O argelino diz que restringir o consumo de bebida alcoólica durante a competição foi a melhor decisão para as pessoas se sentirem seguras nos estádios: “Houve muitas declarações dos próprios torcedores de que ainda podem curtir o futebol sem beber álcool antes ou durante as partidas”.

Amara acredita que a Fifa e outros anfitriões da Copa do Mundo precisam pensar em aplicar um tipo de política semelhante à do Qatar, para restringir o tempo e os locais em que o álcool pode ser consumido.

“Esporte é um estilo de vida saudável. Por que precisamos fazer tanto alarde sobre álcool e patrocínio de bebidas alcoólicas? Precisamos repensar todo o modelo de patrocínio.”

As autoridades do Qatar estavam em uma posição onde precisavam garantir que o evento não alterasse as normas da sociedade, ao mesmo tempo em que deveriam atender às exigências da Fifa.

O professor conta que o Comitê Supremo da Copa do Mundo, responsável pela logística e organização do Mundial, discutiu essas questões para encontrar um equilíbrio. Assim, o Qatar usou o discurso de que todos eram bem-vindos, mas também deviam respeitar a cultura local.

Sobre o sucesso da estratégia, Mahfoud Amara diz que depende da percepção, pois não se pode pedir que uma sociedade mude porque está sediando a Copa do Mundo.

“Enfatizar essa questão não foi útil à causa LGBTQ, porque talvez foi visto como uma maneira de pressionar a sociedade do Qatar a mudar todos os seus valores em 28 dias.”

Enquanto no Ocidente essa pauta faz parte do espaço público, isso não é o que acontece em algumas sociedades árabes. O

argelino diz que esse tipo de discussão leva tempo para se desenvolver, mas ele considera que a Copa do Mundo foi uma oportunidade para abrir o debate.

Sobre a politização da Copa do Mundo, Amara afirma que a presença da bandeira palestina durante as partidas da seleção marroquina foi uma reação aos que quiseram exibir a bandeira arco-íris para alimentar o debate sobre questões LGBTQIA+.

“Tem que haver algum limite para não pressionar jogadores, times e torcedores a se envolver com política. No final do dia, as pessoas querem assistir a futebol e curtir. A integridade do esporte é o mais importante que a gente precisa preservar.”

Amara lembra que o Qatar vai sediar os Jogos Asiáticos em 2030 e talvez também irá concorrer aos Jogos Olímpicos. Por isso, o país deve construir uma base para o esporte feminino.

Ele conta que o Comitê Olímpico Nacional do Qatar está fazendo um estudo sobre a equidade de gênero no esporte no Qatar e que fortalecer as mulheres no esporte é visto como uma medida estratégica do ponto de vista internacional.

“É importante até em termos de rendimento. Se você não quer ter esporte feminino, então você vai reduzir a chance de melhorar sua classificação nas Olimpíadas.”

O argelinol considera que a Arábia Saudita tem chances de sucesso para sediar a Copa do Mundo de 2030, considerando sua influência no futebol e a colaboração com o Egito e a Grécia.

“Eles estão emergindo como a nova força emergente do esporte e da indústria esportiva internacional no que diz respeito ao volume de investimentos e à estratégia que o país está colocando no esporte.”

No entanto, Amara reconhece a possibilidade de uma forte concorrência vinda da candidatura conjunta entre Marrocos, Portugal e Espanha, que têm vantagens em termos de diversidade cultural e proximidade com a Europa.

O pesquisador acredita que o Qatar tem planos de continuar com sua estratégia esportiva. Ele lembra que poucos acreditaram que o país conseguiria fazer uma Copa do Mundo tão bem organizada.

“Não sabemos o que vai acontecer até depois de 2030 com todas as mudanças que estão acontecendo no esporte, com inteligência artificial, metaverso e outras tecnologias. Mas o que é certo é que o Qatar continuará com sua ambição de usar o esporte e outros setores para seu próprio desenvolvimento, posicionamento e influência internacional.”

BADER EMAD ALMASKATI

Bader Emad Almaskati, 33, nasceu e vive no Bahrein, e é mestre em diplomacia pela Faculdade de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres (SOAS University of London), com a pesquisa “Qatar's nation branding strategies: the effectiveness of soft power” (Estratégias de marca da nação do Qatar: a eficácia do poder de influência, em tradução livre)¹⁸.

Almaskati explorou a forma como o Qatar se posicionou no cenário global para se tornar mais atrativo, por meio de iniciativas como a Qatar Airways, a construção do Aeroporto King Hamad e investimentos em outras áreas.

Como resultado, ele descobriu que o investimento no esporte, especialmente a realização da Copa do Mundo, desempenhou um papel crucial na melhoria da credibilidade e atratividade

¹⁸ ALMASKATI, Bader Emad Mohammed Ali Mahdi. *Qatar's Nation Branding Strategies: The Effectiveness of Soft Power*. 2014. Paper (Master of International Studies and Diplomacy) – School of Oriental and African Studies, University of London, London.

do país. Até porque torcedores de futebol de todo o mundo mostraram interesse pelo Qatar, levando a um aumento na visibilidade e no conhecimento sobre o país.

O país-sede do Mundial também adotou uma abordagem de diplomacia esportiva, ajudando outras nações em momentos de crise e reorientando sua imagem para se tornar um aliado tanto do Ocidente quanto do Oriente Médio.

Além disso, a pesquisa revelou que o Qatar investiu em infraestrutura e atraiu investimentos estrangeiros, tornando-se um destino mais atrativo, com hotéis, restaurantes e instituições financeiras.

Anteriormente, o país era visto como apoiador do terrorismo, mas agora “se tornou um patrocinador do esporte e um provedor de ajuda humanitária”. A análise concluiu que essa mudança de percepção permitiu que o Qatar se tornasse mais confiável e credível a nível internacional.

Como torcedor da Internazionale, Bader Emad Almaskati costuma apoiar a seleção italiana. Como a Itália não participou do torneio, o barenita preferiu não torcer para nenhuma

seleção, apenas pelo seu ídolo Cristiano Ronaldo (não necessariamente para Portugal).

Embora esteja a apenas 50 km de distância do Qatar, ele nunca esteve no país, mas ouviu relatos de amigos que estiveram nas duas últimas edições da competição. Todos afirmaram que o Mundial de 2022 foi ainda mais bem-sucedido em termos de organização do que o da Rússia.

De acordo com Almaskati, a cobertura da imprensa do Oriente Médio sobre o Qatar foi caracterizada por uma abordagem neutra e objetiva, com relatos principalmente das vitórias e derrotas das equipes.

"Eles não tomavam partido a favor ou contra nada. Eles apenas diziam: 'Portugal perdeu para essa equipe. O Brasil perdeu para aquela equipe. A Argentina perdeu para a Arábia Saudita'."

Já na Europa, houve uma maior ênfase em questões políticas, como os direitos LGBTQIA+, restrições ao álcool, direitos humanos e preocupações relacionadas ao abuso de trabalhadores e tráfico humano. O que Bader não considera justo.

"Se você está construindo tantos estádios e tem 100 mil trabalhadores de várias origens, você pode esperar que 100 pessoas morram, porque esse tipo de trabalho é assim."

Ele justifica que muitos desses trabalhadores não possuíam qualificações adequadas e conseguiam empregos com base em informações falsas em seus currículos, o que contribuiu para o aumento no risco de acidentes de trabalho.

Almaskati diz que antes e durante a Copa do Mundo, algumas organizações espalharam notícias falsas e apoiaram manifestações de xenofobia em relação ao Qatar, com o objetivo de desacreditar o país. No entanto, ele afirma que os investimentos que o país fez na área midiática fortaleceu sua presença e competitividade nesse mercado.

"Se você investir e destinar mais recursos à mídia, os outros não conseguirão competir com você."

O barenita acredita que as percepções sobre o Qatar no Ocidente frequentemente se limitavam a estereótipos relacionados à riqueza do petróleo e à religião muçulmana.

No entanto, a Copa do Mundo contribuiu para que as visões negativas e estereotipadas fossem substituídas pela apreciação

dos esportes, da hospitalidade e da diversidade cultural do Qatar, superando questões políticas e religiosas e abrindo caminho para uma compreensão mais ampla e positiva.

Ele destaca que o Qatar demonstrou que um país tão pequeno pode reunir o mundo em um só lugar e enfatiza que só o estado do Rio de Janeiro é muito maior que o território do anfitrião da Copa do Mundo de 2022.

A escolha do Qatar como sede despertou alegações de corrupção, mas o mestre em diplomacia lembra que as regras da Fifa estabeleciam que a competição fosse realizada em continentes diferentes a cada quatro anos.

"A última vez que foi realizada na Ásia foi em 2002, no Japão e na Coreia do Sul. Somos considerados asiáticos e a melhor oferta foi do Qatar, porque eles demonstraram que com base em sua proposta e poderiam realizar tudo."

Almaskati também critica a tentativa de politizar a Copa do Mundo com a narrativa de que o Qatar é um país anti-LGBTQIA+. Ele considera correta a postura do país-sede em não permitir a exibição da bandeira arco-íris. Para ele, o público deveria respeitar a cultura local.

"Os qataris são pessoas muito acolhedoras. Mas não desrespeite a sua cultura. Se você é LGBTQIA+, de outra religião ou de uma origem diferente, guarde para si mesmo. Tudo bem, venha e aproveite o torneio. Divirta-se. Mas você não precisa mostrar para todo mundo."

O mestre em diplomacia diz que seleções femininas passaram a ser um tema comum em países árabes, inclusive no Bahrein, seu próprio país. No caso do Qatar, ele acredita que a medida é um investimento no esporte em si.

"É inteligente eles investirem nisso. Eles estão encorajando as mulheres a praticar esportes e elas vão participar de torneios internacionais. Eles também estão dando uma oportunidade às mulheres. É uma coisa muito boa."

O barenita critica a posição de seleções, como a da Alemanha, que protestaram durante o Mundial no Qatar. Para ele, não se pode ser um atleta e “pertencer a uma organização política”.

Com relação à Copa do Mundo de 2030, Almaskati acredita que a Arábia Saudita tem plena capacidade para sediar o evento, pois nenhum país da Ásia pode competir com eles, a menos que a China entre na disputa.

Ele lembra que está sendo construída uma cidade futurística no país arábe, chamada Neom¹⁹, que pode contribuir para fortalecer a sua candidatura.

O pesquisador exclui a possibilidade de a América do Sul sediar a edição, com Chile, Uruguai, Paraguai e Argentina²⁰, porque a Copa do Mundo anterior será compartilhada no mesmo continente pelos Estados Unidos, Canadá e México.

Além disso, para ele, a Europa está passando por uma crise econômica e seria mais lucrativo levar os negócios para a Arábia Saudita.

Na opinião do barenita, o Qatar “não pode reclamar” do ponto de vista econômico, pois já tem dinheiro suficiente. No entanto, após a Copa do Mundo, todos os hotéis e restaurantes luxuosos ficaram vazios, assim como os comércios recém-abertos.

"Se o país quiser ter mais influência no setor turístico, assim como Dubai, ele precisa atrair investimentos estrangeiros.

¹⁹ O que sabemos sobre Neom, a cidade futurista da Arábia Saudita?. Casacor, 12 jan. 2023. Disponível em:

<https://casacor.abril.com.br/arquitetura/neom-cidade-futurista-arabia-saudita/>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

²⁰ SCANDALO, Ramiro. Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai se candidatam para sediar Copa de 2030. CNN Brasil, 03 ago. 2022. Disponível em:
<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/argentina-chile-uruguay-e-paraguai-se-candidatam-para-sediar-copa-de-2030>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

Para manter o país funcionando, é preciso encontrar uma maneira de atrair turistas."

Como legado, ele acredita que o Qatar já tinha boas relações com o Ocidente, mas com a Copa do Mundo a nação ganhou mais credibilidade e mostrou que é pacífica e soberana.

Bader Emad Almaskati prevê que a relação entre o Qatar e seus vizinhos ficará mais forte. Ele lembra que recentemente as relações diplomáticas foram restabelecidas entre as nações do Golfo.

"No momento, a única passagem para o Qatar é pela Arábia Saudita. Eles estavam pensando em construir uma ponte do Bahrein para o Qatar, o que levaria menos de uma hora para viajar entre os dois países."

Ele diz que o Qatar terá que abrir-se para o território barenita, pois muitos turistas desejam transitar entre os dois países, que são muito próximos um do outro.

O mestre em diplomacia afirma que, embora haja mais dinheiro lá, a vida dos expatriados é mais confortável no Bahrein, pois o Qatar ainda não está aberto a todos.

"Existem alguns desafios que eles enfrentam, mas é apenas uma questão de relações internacionais. Mais cedo ou mais tarde, as coisas vão melhorar. Porque, no final das contas, esses países são todos uma família. É assim que é no Golfo."

IBRAHIM MOHAMED ALI

Ibrahim Mohamed Ali, 25, nasceu na Somália, mas se mudou para a Noruega aos dois anos de idade e vive no país europeu. Ele possui mestrado em estudos do Oriente Médio pela Universidade de Oslo, com a dissertação “Qatar and 'The Lone Spectator': The globalization of Qatari Football and the impact on local fan engagement” (Qatar e 'O Espectador Solitário': A globalização do futebol qatari e seu impacto no engajamento da torcida local, em tradução livre)²¹.

Ali decidiu estudar esse tema em 2020, quando não havia pesquisas sobre o assunto específico, que prometia ser um novo campo para abordar na relação entre Oriente Médio, países do Golfo e futebol.

O estudo foi realizado no Qatar entre setembro e novembro de 2021, e os resultados mostraram que os qataris se envolvem mais com a seleção nacional do que com a liga local.

²¹ ALI, Ibrahim Mohamed. Qatar and 'The Lone Spectator': The globalization of Qatari Football and the impact on local fan engagement. 2022. Thesis (Master of Middle East Studies) – Department of Culture and Oriental Languages, University of Oslo, Oslo.

Investimentos foram feitos pelo país arábe para aumentar o engajamento dos fãs, sendo uma das estratégias a contratação de jogadores estrangeiros para atuar nos clubes. A tradição do futebol qatari, que se baseia na identidade tribal para se conectar com os times, foi deixada em segundo plano pelo governo.

Como resultado, durante as três partidas da seleção qatari na Copa do Mundo, foi possível observar um grupo animado de torcedores libaneses uniformizados, contratados para apoiar a equipe anfitriã.

"O Qatar poderia encher os estádios apenas com torcedores locais, incluindo famílias e crianças. Não seria necessário pagar pessoas para ocupar as arquibancadas."

Ibrahim Mohamed Ali, torcedor do Arsenal, assistiu à Copa do Mundo por entretenimento, já que a seleção norueguesa não se classificou. Ele admite que não tinha muitas expectativas para o torneio no Qatar, mas esperava que fosse semelhante às edições anteriores.

Ali considera que o Qatar recebeu ampla cobertura midiática, com a maioria das histórias veiculadas tendo um tom positivo. No entanto, houve críticas, especialmente por parte da imprensa europeia.

"A cobertura desta edição foi particularmente diferente, mas isso ocorreu porque a Copa do Mundo foi sediada nessa região e havia muitos fatores que a tornaram muito quente."

O somaliano-norueguês acredita que a cobertura ocidental da Copa do Mundo foi um exemplo de orientalismo.

Ele menciona que as críticas em relação à força de trabalho não destacaram as reformas que ocorreram de 2017 a 2021 no país²², assim como as críticas sobre quem poderia visitar o Qatar não levaram em consideração a mensagem propagada pelo governo de que todos eram bem-vindos.

"Esta Copa do Mundo contou com a maior participação da Ásia e da África em comparação com as edições anteriores. Havia muitos fatores que poderiam modificar o imaginário, mas acredito que não ocorreu devido a muita xenofobia."

²² COPA do Mundo de 2022: o que mudou para os trabalhadores migrantes no Catar?. INU News, 16 nov. 2022. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/11/1805422>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

Durante alguns jogos das eliminatórias para a Copa do Mundo, a seleção da Noruega se manifestou contra as violações dos direitos humanos no Qatar, mas não conseguiu se classificar para o torneio.

Ibrahim Mohamed Ali explica que a politização é algo comum na Noruega e que a solidariedade internacional é muito importante para os países nórdicos da Europa.

No entanto, ele não relaciona o baixo desempenho da equipe nacional à politização, pois os noruegueses não se classificam para a competição desde 1998.

"Não se classificar é uma tradição. Mas os jogadores precisam lidar com essa pressão e se concentrar totalmente no futebol."

Para o pesquisador, a Copa do Mundo no Qatar sempre será lembrada por consagrar Messi, um dos maiores jogadores de futebol da história.

Ele afirma que o Qatar queria se destacar globalmente como um país pequeno e precisou fazer algo para mudar a situação atual.

"Foi por isso que eles investiram tanto. Agora todo mundo conhece o Qatar. Claro, nem todos gostam deles, mas não acredito que a intenção fosse agradar a todos."

Segundo o especialista em Estudos do Oriente Médio, a Copa do Mundo tornou o Qatar uma figura conhecida no futebol desde 2010, mas essa posição foi reforçada em 2022, para marcar a presença do país no mundo.

Ali não acredita que o governo qatari planejou usar a Copa do Mundo para encobrir violações dos direitos humanos no país, pois isso teve um efeito contrário.

"Sportswashing é um termo interessante de se analisar academicamente. Se o Qatar considerou isso uma estratégia, foi uma estratégia ruim, pois apenas chamou a atenção para os problemas."

Ele menciona que também houve comentários de pessoas do Oriente Médio que, devido à repercussão negativa sobre a situação dos trabalhadores no Qatar, julgavam o país como um mau exemplo do mundo árabe.

Para o pesquisador, as mudanças no sistema de trabalho do Qatar serão permanentes, pois foram incorporadas à

legislação. Além disso, ele destaca que a Organização Internacional do Trabalho possui um escritório no Qatar.

"O Qatar sediará muitas competições internacionais no futuro. Portanto, não acredito que voltarão ao antigo sistema de força de trabalho."

Ele lembra que a Fifa não recomenda a politização na Copa do Mundo, assim como atos políticos também não eram permitidos na Europa, até que a Rússia invadiu a Ucrânia. Ali compara a exibição de bandeiras ucranianas nos estádios europeus com as bandeiras da Palestina no Mundial do Qatar.

O país anfitrião queria transmitir a mensagem de que todos eram bem-vindos durante o torneio, incluindo israelenses, mas, na prática, Ali considera que não houve mudanças sociais significativas após o evento.

"Uma sociedade conservadora com base teológica como a deles não mudaria."

Após indicar a continuidade da seleção feminina durante a Copa do Mundo, Ali menciona que a Fifa tem uma meta

ambiciosa de fortalecer a modalidade: "Se é importante para a Fifa, é bom que seja importante para o Qatar".

Pensando na corrida para sediar a Copa do Mundo de 2030, o pesquisador lembra que a Arábia Saudita tem instalações melhores do que o Qatar, bem como cultura e tradição no futebol. No entanto, eles têm um desempenho pior em termos de direitos humanos e trabalho.

Por essa razão, Ali acredita que se a Arábia Saudita concorrer com o Egito e a Grécia, eles podem vencer. O fato evitaria atrair toda a atenção para os sauditas.

Ele também questiona quais países seriam capazes de atender às demandas para sediar a Copa do Mundo se o critério fosse apenas direitos humanos: "Acredito que não sejam muitos países, nem na África, nem na Ásia, talvez nem na América do Sul".

O somaliano-norueguês acredita que o Qatar se abrirá mais, como parte de sua visão para 2030, que busca diversificar sua economia para além do petróleo e do gás.

TAREK ELIAS

Tarek Elias, 26, é alemão, filho de pai sírio, bacharel em relações internacionais e mestre em segurança internacional pelo Programa Kuwait, na Sciences Po, em Paris, com foco em estudos do Oriente Médio na área diplomática. Ele é autor do projeto “Qatar's Sports Diplomacy as a Driver for International Visibility, Prestige, and Branding” (Diplomacia esportiva do Qatar como impulsionadora de visibilidade, prestígio e fortalecimento da marca internacional, em tradução livre)²³.

A ideia de estudar o assunto surgiu depois de ter feito o curso “Estados e Sociedades do Golfo”, ministrado pela especialista no tema, Laurence Louër. Seu interesse em diplomacia cultural e estratégias de legitimação usadas por governos autoritários também influenciou na escolha do tema, especialmente devido à Copa do Mundo do Qatar .

²³ ELIAS, Tarek. Qatar's Sports Diplomacy as a Driver for International Visibility, Prestige, and Branding. 2021. Paper (Master of International Security) – Sciences Po, Paris.

Elias estudou a naturalização de atletas estrangeiros e os investimentos no futebol, como o Paris Saint-Germain e a Copa do Mundo. Os resultados de sua pesquisa foram mistos, mas mostraram um fortalecimento do poder de influência e visibilidade do Qatar no cenário internacional.

Embora o país tenha enfrentado escrutínio por questões como o sistema kafala e os direitos LGBTQIA+, a estratégia esportiva permitiu a construção de relacionamentos com governos e empresas, além de evidenciar o sucesso esportivo em eventos de grande porte.

No entanto, o sucesso a longo prazo dependerá do desenvolvimento de talentos locais e da inclusão de comunidades migrantes para alcançar a diversificação econômica e superar desafios culturais e de valores.

Tarek Elias diz que acompanhou a Copa do Mundo do Qatar quando estava de férias em Marselha, na França. Torcedor do FC Köln da região de Bona-Colônia, torceu para a Alemanha, embora não costume torcer tanto para a seleção.

Ele tinha boas expectativas para o evento, porque acompanhou o processo de preparação quando trabalhava na Portland, uma

agência de comunicação que apoiava o Comitê Supremo de Entrega e Legado (Supreme Committee for Delivery & Legacy) em sua estratégia de relações públicas nos mercados europeus.

“Eu pude ver os bastidores e fiquei realmente convencido com o conceito. Os estádios foram muito inovadores e o Qatar realmente se esforçou nessas áreas.”

Para o internacionalista, a cobertura da imprensa europeia foi altamente crítica, focada nas questões dos trabalhadores migrantes e nos direitos LGBTQIA+. Por outro lado, ele acredita que algumas matérias eram exageradas e até hipócritas, considerando práticas corruptas ocorridas em edições anteriores.

O pesquisador diz que, durante o torneio, havia muitos artigos que podiam ser compreendidos como islamofóbicos e xenófobos. “Há um certo segmento de autores e críticos que não são motivados por preocupações reais com os direitos humanos”.

Elias avalia que a mídia alemã foi a mais rigorosa, enquanto a cobertura feita na França e no Reino Unido foi menos negativa, possivelmente devido às relações mais estreitas

desses dois países com o Qatar, por meio de clubes de futebol como o Paris Saint-Germain e o Manchester City.

Já a cobertura da imprensa árabe, principalmente do veículo Al Jazeera, destacou a hipocrisia na mídia ocidental e expressou orgulho pelo Qatar sediar a Copa do Mundo, obtendo atenção internacional.

De acordo com ele, ainda é cedo para dizer que o Qatar tem lucrado com o investimento em esportes. Mas é possível concluir que o país passou a ser visto como um destino viável e seguro para os turistas do Ocidente.

“Se considerarmos onde o Qatar estava em 2011, ele era realmente um desses países de nicho. Apenas se você fosse um especialista no Golfo Pérsico, em energia ou em países ricos em minerais, você conheceria o Qatar.”

Com o investimento em novas infraestruturas de transporte para receber os turistas, a qualidade de vida dos próprios qataris também melhorou.

Além disso, a ideia de promover o esporte à população é algo que deve trazer benefícios a longo prazo, pois a obesidade é um dos principais problemas de saúde no país, onde o alto índice

de massa corporal é o principal fator de risco para combinação de morte e invalidez, de acordo com o levantamento Global Burden of Disease Study (Estudo Global sobre Carga de Doenças, em tradução livre), publicado no *The Lancet*²⁴.

Elias também lembra de um episódio na política internacional que ilustra como o Qatar começou a ter relevância em meio à crise de energia na Europa.

“Foi muito interessante ver que Robert Habeck, o ministro da Economia alemão, voou para o país-sede da Copa do Mundo logo após o fim do evento para conversar com os líderes políticos locais sobre a possibilidade de adquirir gás natural liquefeito para a Alemanha através do Qatar.”

Segundo o pesquisador, a Copa do Mundo desviou a atenção de certas questões. Ao mesmo tempo, o Qatar não usou a competição para esconder seus problemas com os trabalhadores.

Além disso, ele acredita que diferentemente da Arábia Saudita, que busca cobrir sua reputação negativa com o futebol, o

²⁴ GBD 2019 Risk Factors Collaborators. Global Burden of 87 Risk Factors in 204 Countries and Territories, 1990–2019: A Systematic Analysis for the Global Burden of Disease Study 2019. *The Lancet* 2020; 396(10258): 123–1249. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30752-2](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30752-2). Acesso em 25 de jun. de 2023.

Qatar, por ser pouco conhecido, sequer tinha uma reputação a ser preservada.

O internacionalista concorda que muitos ocidentais tiveram a oportunidade de se despir de preconceitos, viajar ao país e obter uma perspectiva mais clara sobre a região por meio dos intercâmbios culturais proporcionados pelo evento.

Em contraponto, ele defende que a credibilidade do Qatar entre os torcedores ocidentais ficou prejudicada quando a organização informou, dois dias antes do início do torneio, a proibição do consumo e venda de bebidas alcoólicas nas proximidades dos estádios.

Para ele, a Copa do Mundo do Qatar não é uma representante fiel do que é Oriente Médio, porque a sociedade qatari não é igual a de outros países da região em termos de renda e valores socioculturais.

“O Qatar é um país muito avançado em comparação com a maioria das outras nações do Oriente Médio. Além disso, a relação entre os países do Golfo Pérsico e do resto da região é difícil.”

Filho de pai sírio, Tarek Elias lembra que os países do Golfo não receberam oficialmente nenhum refugiado da guerra da Síria, o que não foi visto com bons olhos pelo resto do Oriente Médio.

Em relatório de 2015, a Anistia Internacional enfatizou que cerca de 95% dos deslocados sírios estavam concentrados em países como Turquia, Líbano, Jordânia, Iraque e Egito²⁵. A organização criticou os países ricos do Golfo, incluindo o Qatar, por não acolherem esse contingente, apesar de compartilharem a mesma religião e idioma.

Os países ricos da península arábica preferiram fazer doações para o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Deslocados (ACNUD) e realizar ações de caridade do que facilitar a obtenção de vistos para os refugiados.

“Não sei até que ponto o resto da região realmente quer que os outros pensem que o Qatar é uma representação justa de si mesmos”, diz Tarek Elias.

Em um vídeo promocional para a Copa do Mundo de 2022, o Qatar prometia retornar com a atividade da seleção feminina.

²⁵ ANISTIA Internacional Informe 2014/15: O Estado Dos Direitos Humanos No Mundo. Amnesty International. Disponível em:
<https://www.amnesty.org/en/documents/pol10/0001/2015/bp/>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

Para o pesquisador, a ação era apenas uma estratégia de marketing.

Ele cita um episódio ocorrido na época em que trabalhou no Comitê Supremo, quando foi divulgado um amistoso entre as seleções femininas do Qatar e do Afeganistão, após o Talibã tomar Cabul, em 2021. A partida aconteceu sem ser televisionada e com poucos torcedores.

“Isso foi usado como forma de mostrar ao Ocidente que o Qatar estava ajudando as jogadoras de futebol do Afeganistão, permitindo que elas jogassem contra as mulheres do Qatar e, em seguida, capacitando as mulheres do Qatar a jogar futebol.”

Tarek Elias pontua que, no site da Associação de Futebol do Qatar, há tópicos das seleções de base masculina, mas não há uma citação sequer à seleção feminina.

Ele também lembra que o perfil de futebol feminino do Qatar no Instagram conta com menos de 200 seguidores e critica a aparência amadora do site womenfootballqatar.org que, segundo ele, não possui informações relevantes sobre a modalidade.

O pesquisador acredita que as manifestações de países como a Alemanha e a Dinamarca possam ter endurecido o governo e o sentimento do Qatar, porque eles se sentiram um pouco pressionados e forçados a aceitar pessoas LGBTQIA+ no país e esses símbolos.

“Foi apenas algo que eles foram rejeitados tão negativamente pelo Ocidente que eu poderia imaginar que eles talvez tenham endurecido um pouco sua posição sobre isso.”

A final entre a França de Mbappé e a Argentina de Messi foi a melhor possível para o Qatar, já que ambos jogavam, até então, pelo Paris Saint-Germain, adquirido pela Qatar Sports Investment em 2011²⁶.

“Mbappé e Messi desempenham um grande papel também na comercialização do país do Qatar para fins turísticos. Portanto, grande parte do dinheiro do PSG realmente vem dos anúncios dos jogadores para o turismo no Qatar .”

Ele menciona que o pior cenário provavelmente teria sido uma final de Copa do Mundo entre Alemanha e Dinamarca, onde os

²⁶ CONN, David. Qatar cash is stirring French football revolution at Paris Saint-Germain. The Guardian, 22 nov. 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/blog/2011/nov/22/qatar-psg-french-football-al-jazeera>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

dois países no maior palco diante de bilhões de pessoas protestariam antes da final.

Para Tarek Elias, o fato de Alemanha e Dinamarca, que se manifestaram contra as políticas do Qatar, terem ido mal na Copa do Mundo não torna a ideia de se posicionar algo negativo em si.

“O fato de você simplesmente não ser forte em termos esportivos não significa que você não deva expressar suas opiniões sobre seus problemas com o status quo. Mas isso te expõe muito mais.”

Ele avalia que, na Alemanha, as necessidades básicas da maioria da população são atendidas, de forma que tratar de outras questões, como dizer como estão as pessoas no Qatar, acaba sendo um privilégio

“Considerando que as pessoas, por exemplo, na Malásia, estão preocupadas com seu próprio bem-estar, elas não podem se concentrar em outras questões.”

Tarek Elias conta que nem todos no Qatar apoiaram a implementação de mudanças sociais, principalmente em relação aos direitos trabalhistas: “Essas reformas foram feitas

de cima para baixo pelo governo porque ele sabia que tinha que mudar para ser aceito internacionalmente”.

Para o pesquisador, um desafio para o país no futuro será conciliar dois segmentos da sociedade: jovens que são educados no Ocidente e, consequentemente, internacionalizados; e pessoas mais velhas que há décadas se beneficiam do status quo, incluindo o sistema kafala.

“Em algum momento, pode haver algum tipo de choque entre essas ideias. Pode ser algo que impacte negativamente o país.”

Ele diz que países da região perceberam que sediar a Copa do Mundo foi uma estratégia inteligente do Qatar, porque o esporte é uma entidade globalmente comercial e com legitimidade. Elias vê com pessimismo, porém, a repercussão na próxima edição do evento

“Se a Arábia Saudita for sediar a Copa do Mundo de 2030, vamos viver o que vivemos com o Qatar, com as críticas sendo de dez a vinte vezes maiores.”

Para Tarek Elias, o que se pode esperar do Qatar é o país se firmando como um polo esportivo regional internacional. Além da Copa da Ásia de 2023 e do Campeonato de Natação de

2024, o país também irá sediar a corrida de Fórmula 1 pelos próximos dez anos e os Jogos Asiáticos de 2030.

Se há um país que neste momento pode sediar uma Olimpíada no Oriente Médio, este provavelmente é o Qatar, diz o pesquisador.

Ele acredita que o Qatar pode seguir um caminho mais progressista, tornando-se mais aberto. Elias cita como exemplo Abu Dhabi, que é um polo que oferece serviços para ocidentais, mas sem a liberdade de expressão do mundo ocidental.

“No final das contas, todo país está preocupado com seu bem-estar e seu desenvolvimento econômico a longo prazo. Enquanto o Qatar acreditar que a abertura trará benefícios econômicos, eles o farão.”

MIKKEL GLØMMEN EGE

Mikkel Glømmen Ege, 28, é norueguês e mestre em relações e assuntos internacionais pela Universidade Norueguesa de Ciências da Vida (NMBU), com a dissertação “Qatar under construction: A study of the pre-event process of the Fifa World Cup as an identity construction” (Qatar sob construção: estudo do processo prévio à Copa do Mundo de 2022 como construção de identidade, em tradução livre)²⁷.

A escolha de seu objeto de estudo dialoga com o gosto pessoal de Ege por futebol e questões sobre identidade em nível de status. Ele investigou como o Qatar se preparou para o Mundial, bem como suas interações com organizações não governamentais internacionais para se estabelecer dentro da arena global.

²⁷ EGE, Mikkel Glømmen. *Qatar under construction: A study of the pre-event process of the Fifa World Cup as an identity construction.* 2020. Thesis (Master of Science in International Relations) – Faculty of Landscape and Society, Department of International Environment and Development Studies, Norwegian University of Life Sciences, Ås.

O estudo revelou que sediar uma Copa do Mundo impulsionou reformas mais liberais no Qatar. A adaptação das novas medidas judiciais indicou que o país estava gradualmente se alinhando aos valores e comportamentos considerados atraentes e aceitáveis pelo Ocidente.

Ege destaca que foi interessante observar os impactos do futebol na cultura de um país, apesar da tentativa de algumas entidades e pessoas de dissociá-lo de questões políticas.

“O futebol é político. Tudo é político no sentido das relações internacionais. Cada ação que alguém realiza é política. Essa é provavelmente a principal razão pela qual escolhi o Qatar como estudo de caso.”

Sem a Noruega na disputa, o torcedor do Manchester United desejava que uma equipe sul-americana, sendo o Brasil ou a Argentina, conquistasse a Copa do Mundo. No começo, ele hesitou em assistir ao torneio, devido à percepção de que ligar a TV fosse um gesto de apoio às políticas do Qatar.

Embora suas expectativas fossem inicialmente baixas devido à falta de infraestrutura prévia do país para sediar o evento,

havia também a expectativa de que a novidade pudesse ser bem-sucedida.

O fato de o Qatar sediar a primeira Copa do Mundo árabe e a possibilidade de o torneio ser a despedida de astros do futebol, como Messi, Cristiano Ronaldo e Neymar, alimentavam suas esperanças de presenciar um evento grandioso.

"Ver Messi vencer a Copa do Mundo não foi apenas um sucesso político, mas também esportivo, considerando que o grupo de investimentos do Qatar adquiriu o PSG", diz Mikkel Glømmen Ege.

"Dessa forma, foi um ciclo completo, e as expectativas relacionadas ao futebol foram definitivamente alcançadas."

Ege reconhece que a mídia tem o papel de destacar os desafios e problemas relacionados à realização da Copa do Mundo no país.

Ao mesmo tempo, ele questiona as diferenças de tom entre as coberturas da Copa do Mundo no Brasil e na Rússia. Para o mestre em relações internacionais, o viés negativo direcionado ao Qatar é resultado das diferenças culturais e políticas em relação ao Ocidente.

“O Qatar é muito diferente do que as pessoas ocidentais, especialmente aqui na Noruega, estão acostumadas.”

O pesquisador questiona se as reações negativas do Ocidente em relação ao Qatar podem ser consideradas xenofóbicas. Ao avaliar os debates sobre respeitar ou não as políticas do Qatar, ele diz ter percebido alguns vieses.

Conforme a cobertura da mídia ocidental se intensificava nas semanas anteriores à Copa do Mundo, Mikkel Glømmen Ege notou uma narrativa controlada pelo Ocidente, baseada em racismo e xenofobia, por exemplo

Ele acredita que a imprensa deve ser imparcial e mostrar a realidade, mas observa que a mídia ocidental é dominada por uma narrativa de "nós" contra "eles": enquanto a mídia seria a "detentora dos valores corretos", os qataris são vistos como "uma população incivilizada de um país em desenvolvimento".

Para Ege, ainda é cedo para dizer se o Qatar conseguiu “construir uma nova identidade” após a Copa do Mundo, mas ele não tem dúvidas de que o torneio foi bem-sucedido.

“Se a Copa do Mundo não tivesse sido um sucesso como foi, o Qatar não teria feito uma oferta oficial para comprar o Manchester United.”

O pesquisador se refere ao interesse do xeque Jassim bin Hamad bin Khalifa Al Thani, membro da família real do Qatar e presidente do Qatar Islamic Bank, em comprar o clube inglês. Em junho de 2023, Al Thani havia apresentado uma proposta de compra do Manchester United no valor de 6 bilhões de libras, ou cerca de 36,6 bilhões de reais²⁸.

A Noruega não se classificou para a Copa do Mundo no Qatar, mas ficou lembrada pelas manifestações da seleção contra as violações de direitos humanos por parte do país-sede do torneio.

Ege diz que esse posicionamento aconteceu porque a Noruega é uma potência influente, conhecida por mediar conflitos e apoiar os direitos humanos. Ele acredita que o esforço em abordar essas questões também foi motivado pela recente nomeação de uma mulher como presidente da federação de futebol, que se opõe às políticas atuais da Fifa.

²⁸ BANCO do Catar faz nova oferta pelo Manchester United: R\$ 36,6 bilhões. GE, Manchester, Inglaterra, 7 jun. 2023. Disponível em:
<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/2023/06/07/banco-do-catar-faz-nova-oferta-pelo-manchester-united-r-366-bilhoes.shtml>

No entanto, o pesquisador questiona se os jogadores que criticaram as violações dos direitos humanos no Qatar teriam feito o mesmo se a seleção tivesse se classificado para a Copa do Mundo, uma vez que não corriam o risco de serem excluídos do torneio durante as eliminatórias.

À medida em que a sociedade internacional se torna mais politizada, Ege acredita que mais pessoas começarão a questionar por que certos jogadores não se posicionam.

“Os jogadores são indivíduos e os indivíduos podem ser privados ou egoístas. Então, é claro que, se eles perceberem que se posicionar terá um impacto negativo em suas carreiras ou serem excluídos, é provável que optem por não se manifestar.”

Ele reconhece que nem todos têm uma audiência tão ampla quanto jogadores como Lionel Messi, com milhões de seguidores nas redes sociais. Para esses jogadores, adotar uma posição pode ter impacto negativo tanto na carreira quanto em sua imagem pessoal.

Ege avalia que funcionários da Copa do Mundo, como os seguranças, fizeram cada vez mais esforços para minimizar as manifestações contrárias ao governo. No entanto, ele observa

que o Mundial mostrou ser um sucesso conforme prosseguia, pois a publicidade positiva tendeu a ofuscar os aspectos negativos.

"Foi uma partida feita no céu", avalia o especialista em relações internacionais, referindo-se à final do Mundial com Messi e Mbappé. Ele argumenta que, além de ter sido um confronto emocionante para os fãs, o jogo também foi o resultado mais favorável para o Qatar em termos de investimentos.

"Qualquer equipe vencedora entre França e Argentina seria uma vitória para o país."

Na opinião de Ege, algumas das mudanças implementadas pelo Qatar em relação aos direitos trabalhistas foram mais teóricas do que profundamente culturais. Ele teme que ainda possa haver brechas para a exploração de migrantes na sociedade, por exemplo.

Quanto à ideia de retomar com a seleção feminina, o pesquisador diz que a medida dá ao Qatar a oportunidade de se candidatar a sediar uma Copa do Mundo da modalidade no futuro. Ele acredita que o país continuará investindo nas jogadoras, mesmo que em menor escala, porque desmantelar a

equipe abriria espaço para críticas da comunidade internacional.

Para Ege, após os escândalos de corrupção em torno da aquisição dos direitos de sediar a Copa do Mundo pelo Qatar, a sociedade internacional estará mais atenta ao processo de licitação para a Copa do Mundo de 2030.

Caso a Arábia Saudita conquiste o direito de sediar o Mundial, ele acredita que haverá mais cobertura crítica por parte da mídia ocidental. No entanto, ele questiona a falta de diversidade de sedes da competição ao longo da história.

“A Copa do Mundo é apenas uma oportunidade para países fora do Ocidente? Caso contrário, existe uma grande possibilidade de a Arábia Saudita ter a chance de sediar o evento.”

Ege considera que a possibilidade de o Qatar se candidatar aos Jogos Olímpicos é uma grande oportunidade, considerando o contínuo crescimento da presença internacional do país arábe.

Ele também lembra que tanto a Rússia quanto a China, países autoritários, já sediaram as Olimpíadas anteriormente, o que reforça a viabilidade de uma candidatura qatari bem-sucedida.

“O Qatar fez progressos políticos, sociais e econômicos para se tornarem membros valiosos de pelo menos uma comunidade esportiva, tanto nacional quanto internacionalmente.”

LUDWIG STRÖM

Ludwig Ström, 29, é sueco e mestrando em ciências políticas na Universidade Linköping, na Suécia. Sua tese de bacharelado investigou a Copa do Mundo no Qatar como um meio de *soft power*, a partir de análises do discurso da cobertura da mídia sueca, da Associação de Futebol Sueca e da Fifa²⁹.

Ele observou que as declarações da Fifa tendiam a ser positivas sobre o Qatar, destacando melhorias e enfatizando o papel da organização na transformação do país. No entanto, também foram identificados elementos orientalistas, nos quais se reconhecia que o país poderia ter alguns problemas, mas que a entidade máxima do futebol estava contribuindo para solucioná-los.

A Associação Sueca de Futebol, por sua vez, expressou uma visão mais crítica, sugerindo que o Qatar pudesse adotar

²⁹ STRÖM, Ludwig. Football World Cup in Qatar 2022 as a Soft Power mean - A discourse analysis of the Swedish media reporting, the Swedish football association, and Fifa. 2021. Paper (Bachelor of Political Science) – Linköping University, Linköping.

valores ocidentais, como direitos humanos, por meio da influência europeia durante a Copa do Mundo. Essa perspectiva também revelou elementos orientalistas e eurocêntricos, refletindo preconceitos e estereótipos.

Já a mídia sueca construiu um discurso negativo sobre o Qatar, retratando o país como inadequado para sediar o evento esportivo, devido a questões de direitos humanos e exploração de trabalhadores migrantes. Algumas reportagens mencionaram o alto número de mortes de trabalhadores no Qatar. Essas narrativas também continham elementos orientalistas.

Ludwig Ström admite que, durante a fase de grupos, as partidas ocorreram durante seu horário de trabalho, o que o impediu de acompanhar todos os jogos da Copa do Mundo.

Com a não classificação da Suécia, ele passou a torcer pela Inglaterra, por ser fã do Manchester United. No entanto, após a eliminação dos ingleses, seu apoio se voltou para a Argentina.

Durante as pesquisas para sua tese, ele teve acesso a imagens dos estádios e outros elementos relacionados ao evento, o que gerou altas expectativas em relação à organização e à qualidade dos jogos. Ele afirma que suas percepções iniciais foram confirmadas.

"Eu imaginei que não seria como a Eurocopa na França em 2016, onde os hooligans russos estariam envolvidos em brigas por toda parte, porque não acredito que alguém se arriscaria a fazer isso no Qatar, já que ninguém desejava ser preso lá."

O sueco também esperava que equipes europeias se manifestassem politicamente durante o evento e lembra que alguns capitães até expressaram o desejo de usar braçadeiras com a frase "One love", em apoio à causa LGBTQIA+. Contudo, eles desistiram quando foram ameaçados pela Fifa com cartões amarelos.

O mestrando avalia que a questão política acabou desaparecendo ao longo do torneio, o que não o surpreendeu.

Ström considera que a Copa do Mundo de 2022 é um exemplo de "sportswashing". Para ele, o momento em que o emir Tamin bin Hamad Al Thani cobriu Messi com um manto, após o

argentino receber o prêmio de melhor jogador do torneio, ilustra essa definição.

No que diz respeito à cobertura midiática, o mestrandinho em ciências políticas diz que a mídia sueca dedicou parte de sua cobertura à abordagem do torneio em outras regiões, como América do Sul e África. Eles observaram que, nesses lugares, os temas políticos e os direitos humanos não eram tratados com a mesma ênfase que na Suécia.

Ström explica que os meios de comunicação do país haviam afirmado anteriormente que cobririam o torneio, abordando tanto o futebol quanto a política. Para ele, essa abordagem era necessária, pois vê como impossível separar o futebol das questões políticas e esperar que elas não fossem discutidas.

A cobertura da Copa do Mundo no restante da Europa também foi crítica, segundo Ström. Como resultado dessas referências negativas, ele comprehende que o Qatar agora é visto como um país menos atrativo do que antes.

"Poucas pessoas conheciam o Qatar antes da Copa do Mundo. Agora só ouvimos falar sobre como eles violam os direitos humanos, não possuem democracia e exploram os menos privilegiados."

Segundo ele, mesmo com o torneio proporcionando boas partidas, os suecos não separaram o esporte das questões sociais.

"Nunca nos esquecemos da política. Até na final da Copa do Mundo."

Ludwig Ström acredita que o anúncio da retomada da seleção feminina pode indicar uma abertura real no Qatar, e não apenas uma estratégia de marketing.

Ele compara as mudanças no Qatar com o movimento na Arábia Saudita, que está adotando formas mais liberais em alguns aspectos.

"Os dois países estão partindo de um ponto muito conservador. Para eles se tornarem tão liberais quanto talvez no Brasil e na Suécia, é um longo caminho a percorrer. Mas talvez eles estejam começando essa jornada agora."

"Sinto que o ambiente aqui está muito politizado", diz Ludwig Ström sobre o motivo pelo qual as seleções de países do norte da Europa, como Dinamarca, Noruega e Suécia, se

manifestaram fortemente contra as violações dos direitos humanos no Qatar.

Além disso, o sueco discorda que as reações negativas do Ocidente em relação ao Qatar sejam reflexos de orientalismo, em vez de preocupação com direitos fundamentais.

"Eu só quero assistir futebol e que todos tenham direitos humanos. Todos merecem isso no mundo. É um pouco triste quando algo que muitas pessoas realmente amam, como o futebol, é usado para obter algo além do próprio jogo."

Ström destaca que, independentemente do resultado da Copa do Mundo para o Qatar, o país já possui relações comerciais estabelecidas com várias nações, como Suécia, França e Alemanha, especialmente no setor de energia.

Quanto ao turismo, ele acredita que o Qatar ainda não tenha alcançado plenamente esse objetivo, considerando que Dubai é um destino mais popular na região do Oriente Médio.

O sueco argumenta que, se a Arábia Saudita tiver recursos financeiros suficientes, terá a chance de sediar a Copa do Mundo de 2030.

Durante o evento no Qatar, o presidente da Fifa, Gianni Infantino, mencionou a possibilidade de considerar a Coreia do Norte como uma opção para a próxima Copa do Mundo³⁰, o que, para Ström, demonstra que a Arábia Saudita não enfrentaria grandes obstáculos nesse processo.

Ele lembra que o Qatar pretende comprar o Manchester United, da Inglaterra, o que indica que a intenção do país árabe é continuar investindo no esporte.

Para Ström, se o Qatar sediar os Jogos Olímpicos, a percepção e o interesse turístico no país poderiam ser alterados. No entanto, ele avalia como incerto a disposição da COI em ceder o evento ao Qatar.

"Talvez o Comitê Olímpico tenha se preocupado com as reações negativas e não sejam tão fáceis de influenciar quanto os executivos da Fifa."

³⁰ SOUZA, Carinne. Coreia do Norte poderia sediar a Copa do Mundo, diz presidente da Fifa. Metrópoles, 21 nov. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/esportes/futebol/coreia-do-norte-poderia-sediar-a-copa-do-mundo-diz-presidente-da-Fifa>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

ARLENE ELIZABETH CLEMESHA

Arlene Elizabeth Clemesha, 50, é brasileira, corintiana e professora de história árabe no curso de árabe do Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo (USP). Ela atuou como representante da sociedade civil brasileira na Rede Internacional de Coordenação das Nações Unidas para a Palestina (ICNP-UN) de 2005 a 2015, e na direção do Centro de Estudos Árabes da USP, de 2008 a 2017.

Em entrevista ao autor deste livro-reportagem em julho de 2018³¹, para Rádio USP, durante a fase eliminatória da Copa do Mundo da Rússia, ela fez algumas análises sobre como imaginava que seria a próxima edição do torneio, no Qatar. A professora supôs que o país arábe receberia os estrangeiros de forma cordial, porque suas normas não eram baseadas em imposições, diferentemente da Arábia Saudita.

³¹ SANTANA, Jonas Ribeiro de. De maioria muçulmana, Catar é a próxima sede da Copa do Mundo. Jornal da USP, São Paulo, 11 jul. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/de-maioria-muçulmana-catar-e-a-próxima-sede-da-copa-do-mundo>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

"Devido ao seu tamanho reduzido, o Qatar sempre teve a preocupação de manter fortes laços internacionais, por isso não impõe leis restritivas aos estrangeiros."

Ao contrário dos Emirados Árabes Unidos, porém, ela explicou que o Qatar valoriza a preservação da tradição cultural, mesmo com a influência e a riqueza provenientes do petróleo e gás.

À época, Clemesha também imaginava que a Copa do Mundo não seria motivo suficiente para mudanças nos costumes e tradições do país, que já é acostumado com o intercâmbio cultural.

Quase cinco anos depois, em nova entrevista, Arlene Elizabeth Clemesha, que já visitou o Qatar várias vezes, acredita que a Copa do Mundo atendeu às suas expectativas. Ela argumenta que, considerando a receptividade do povo qatari e a realidade do país, não havia motivos para esperar problemas ou distúrbios durante o evento.

"Se o Qatar não acreditasse ser capaz de sediar um evento internacional, receber milhares de pessoas de todo o mundo,

integrá-las e recebê-las de maneira acolhedora, festiva e positiva, ele não teria se candidatado."

Clemesha reconhece que a realização da Copa do Mundo "não resolveu os problemas do Qatar", assim como no caso do Brasil, que sediou o Mundial em 2014.

Elá destaca a importância da imprensa ao abordar os problemas no Qatar, mas ressalta que a cobertura internacional demonstrou "uma perspectiva de superioridade", como se apenas o país árabe fosse afetado por essas questões.

A professora explica que essa atitude é enraizada na forma com a qual o Oriente Médio é geralmente visto e retratado, a partir de um ponto de vista etnocêntrico europeu, "que menospreza regiões colonizadas e ex-colônias, considerando-as como não civilizadas".

A avaliação de Clemesha é que a imprensa brasileira reproduziu acriticamente essa perspectiva, mas houve uma mudança quando os repórteres começaram a produzir matérias no país-sede.

"Passamos a ver reportagens muito mais precisas, que não escondiam os problemas, mas apresentavam uma realidade

muito mais tangível e profunda, além de estarem mais próximas da realidade”, diz ela.

“Percebemos que temos muito mais em comum com o povo qatari do que com os europeus.”

A historiadora também observa que as polêmicas foram menores em relação ao bem-sucedido Mundial. Além disso, o Qatar demonstrou que um país árabe islâmico pode sediar um evento dessa magnitude.

Clemesha explica que a Copa do Mundo sempre fez parte de uma política mais ampla do Qatar para se inserir no mundo como um polo de negociação, conferências e grandes eventos internacionais.

A internacionalização do Oriente Médio promovida pela Copa do Mundo é de grande importância para o fluxo de ideias e costumes, proporcionando uma troca e enriquecimento cultural. No entanto, a professora observa que esse processo costuma ser lento.

“A Copa do Mundo em si não provoca uma alteração nos costumes do Qatar ou de qualquer país por onde passa. Se não houver um movimento interno por mudanças nesses aspectos, não é o Mundial sozinho quem trará as transformações.”

De acordo com Clemesha, antes da Copa do Mundo, já era sabido que o Qatar enfrentava graves questões trabalhistas, principalmente em relação aos trabalhadores braçais de baixa renda. Para ela, o torneio teve o efeito benéfico de destacar essas questões e forçar o Qatar a melhorar as condições dessas pessoas.

A especialista lembra que a relação entre Marrocos e a Palestina, simbolizada pela presença da bandeira palestina em várias partidas, tanto no campo quanto na arquibancada, reflete a solidariedade comum entre os árabes, que se consideram irmãos por sua identidade.

Ela explica que as manifestações pró-Palestina não foram reprimidas pelas autoridades do Qatar justamente por serem vistas como expressões de solidariedade, e não como manifestações políticas. Além disso, o governo do Qatar é um dos principais apoiadores dos palestinos no mundo árabe.

Quanto ao consumo de bebidas alcoólicas, Clemesha recorda que o país há muito tempo permitiu em bares internacionais, voltados para profissionais estrangeiros que residem no país a curto e médio prazo. No entanto, locais específicos, como Fifa Fan Fest, foram designados para evitar que as pessoas andassem pelas ruas exibindo bebidas.

Para a historiadora, o Qatar conseguiu impor muito mais sua cultura e tradição em relação a essa política do que o Brasil durante a Copa do Mundo de 2014.

"Nós proibimos álcool nos estádios e acabamos cedendo à Fifa. Muitos se opuseram a essa mudança na legislação brasileira para receber a Copa do Mundo. O Qatar continuou e fez questão de manter as leis do país."

Ela critica a repercussão negativa das políticas restritivas em relação ao álcool no Qatar, considerando-a exagerada e resultado de desconhecimento.

"Restringir o consumo de bebidas alcoólicas na rua e em público não é um abuso dos direitos humanos. Fazer disso um grande problema é desrespeitoso com os costumes do país."

Clemesha lembra que foram divulgadas muitas entrevistas com mães muçulmanas durante a Copa, nas quais elas expressavam felicidade pelo fato de as pessoas não estarem bebendo nas ruas.

"O Qatar mostrou que essa é uma questão de costume. O fato de a Copa ter ocorrido da maneira como ocorreu não prejudicou a festa. Ninguém que viajou para lá achou que isso foi um grande problema."

Para ela, o maior legado de um megaevento como esse é a aproximação entre os países, algo que não ocorre automaticamente ou por transferência de moda ou costumes.

“É um movimento que quebra estereótipos e medos em relação ao desconhecido, a algo que não se conhece e se tem ideias equivocadas.”

FUTURO

Oito meses após a Copa do Mundo, o Qatar demonstrou ao Brasil que o investimento no futebol não parou, com a contratação do time qatari Al-Rayyan pelo jogador Roger Guedes³². O brasileiro era a principal estrela do Corinthians na atual temporada e decidiu aceitar a transferência que custou 10 milhões de dólares (R\$ 49 milhões) aos árabes.

Antes, a menos de três meses do término do Mundial, o Qatar havia figurado pela primeira vez entre as 25 nações com maior influência global, de acordo com o Soft Power Index de 2023³³.

O relatório da consultoria Brand Finance foi elaborado com base em mais de 110 mil entrevistas realizadas com um público

³² AL-RAYYAN anuncia Róger Guedes, ex-Corinthians. GE, Al-Rayyan, 9 ago. 2023. Disponível em:
<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2023/08/09/al-rayyan-anuncia-roger-guedes-ex-corinthians.ghtml>. Acesso em 27 de ago. de 2023.

³³ TRINDADE, Luciano. Copa faz Qatar subir em ranking de 'soft power' e guerra derruba reputação da Rússia. Folha de S.Paulo, São Paulo, 2 mar. 2023. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2023/03/copa-faz-qatar-subir-em-ranking-de-soft-power-e-guerra-derruba-reputacao-da-russia.shtml>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

especializado, composto por governos, organizações da sociedade civil, diplomatas e comunidade empresarial e o público em geral, em cerca de 100 países.

Esse resultado é reflexo do plano de desenvolvimento governamental adotado pelo Qatar em 2008, com o objetivo de transformar o país em uma sociedade avançada, promovendo o desenvolvimento sustentável e assegurando um elevado padrão de vida para as futuras gerações dos qataris.

Conhecida como Visão Nacional Qatar 2030, essa iniciativa prioriza os resultados desejados, sem focar exclusivamente nos meios para alcançá-los. A Copa do Mundo de 2022 fazia parte do plano, que estabelece metas de longo prazo para o país e oferece um quadro no qual estratégias nacionais e planos de implementação podem ser desenvolvidos.

A Visão Nacional define as características do futuro desejado e identifica os desafios a serem enfrentados. São eles: modernização com a preservação das tradições; atendimento às necessidades da geração atual e das gerações futuras; crescimento almejado e expansão não controlada; trilha de desenvolvimento, tamanho e qualidade da força de trabalho estrangeira almejada; crescimento econômico, e desenvolvimento social e gestão ambiental.

Alcançando ou não esses objetivos, as medidas tomadas pelo Qatar estão longe de ter aprovação unânime, tanto da comunidade interna quanto externa. Enquanto alguns reconhecem seus esforços e conquistas, outros expressam discordância e preocupação em relação às políticas adotadas. É evidente, ao menos, que o país passou a ser capaz de gerar debate público e até mesmo inspirar a criação de um livro-reportagem.

POSFÁCIO

No início de 2022, tive a oportunidade de fazer um intercâmbio de um semestre na Università degli Studi di Roma La Sapienza, na Itália. Durante esse período, conheci muitos estrangeiros que estudavam em universidades romanas, sendo intercambistas ou alunos regulares de graduação e mestrado. Um deles foi um iraniano que fazia pós-graduação em engenharia química. Vou preservar sua identidade por razões políticas de seu país.

O contato com ele foi maravilhoso, pois eu nunca tinha tido conversas tão profundas com uma pessoa do Oriente Médio. Além da minha curiosidade sobre a cultura persa, uma das coisas que sempre trocávamos ideias era o futebol, seja em um bar onde assistimos a algumas partidas da Champions League ou em um campo de grama sintética, onde jogávamos com um grupo de estudantes do programa de intercâmbio Erasmus.

Sempre que conversávamos sobre a Copa do Mundo, ele demonstrava entusiasmo. O mestrando chegou até a dizer que

pretendia assistir aos jogos presencialmente, já que o Qatar fica consideravelmente próximo de seu país.

Em contraponto, eu levantava a questão de que a sede do torneio não estava tão aberta a receber todos os tipos de pessoas, especialmente porque, naquela época, as notícias já relatavam que a bandeira arco-íris seria proibida no país³⁴.

Em resposta a essa preocupação, ele argumentava que a Copa do Mundo no Qatar poderia contribuir para a abertura do Oriente Médio ao Ocidente. Essa afirmação me fez refletir sobre o outro lado deste evento mundial e me levou a questionar aos nove entrevistados deste livro se eles concordavam com a visão do meu amigo iraniano.

Meses depois de voltar ao Brasil, ele ainda na Itália me informou que havia decidido não acompanhar a Copa do Mundo, em apoio às manifestações que aconteciam no Irã contra as políticas que reprimem as mulheres³⁵. Os protestos históricos foram desencadeados após a morte da jovem curda

³⁴ BANDEIRAS arco-íris podem ser confiscadas dos torcedores durante a Copa como “proteção”. GE, Doha, 1 abr. 2022. Disponível em:
<https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2022/04/01/bandeiras-arco-iris-podem-ser-tomadas-dos-torcedores-durante-a-copa-como-protecao.ghtml>. Acesso em 27 de ago. de 2023.

³⁵ IRÃ na Copa do Mundo: entenda a situação política do país e a onda de protestos no Qatar. Lance!, Doha, 30 nov. 2022. Disponível em:
<https://www.lance.com.br/copa-do-mundo/ira/ira-na-copa-do-mundo-entenda-a-situacao-politica-do-pais-e-a-onda-de-protestos-no-qatar.html>. Acesso em 27 de ago. de 2023.

Mahsa Amini³⁶, acusada de não usar o véu islâmico corretamente.

A tentativa de boicote ao Mundial por parte do povo persa significava ser contra o governo do Irã. As manifestações chegaram até dentro de campo, com os jogadores iranianos se recusando a cantar o hino nacional na estreia contra a Inglaterra, e também nas arquibancadas, com cartazes levados pelos torcedores em apoio às mulheres persas.

Outro fato fundamental que semeou a ideia para este livro foi a entrevista que conduzi com Arlene Elizabeth Clemesha para a Rádio USP, em julho de 2018, quando a Copa do Mundo da Rússia já estava prestes a acabar. Naquela ocasião, minha intenção era apresentar aos brasileiros o que esperar de um país árabe então desconhecido.

Quase cinco anos depois, conversei novamente com Clemesha após o encerramento da Copa do Mundo no Qatar. Nossa segunda entrevista ocorreu em janeiro de 2023. Além de analisar o ponto de vista que tinha, as respostas da brasileira

³⁶ MAHSA Amini: saiba quem é a jovem cuja morte deu origem à onda de protestos no Irã. O Globo, Teerã, 23 set. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/09/mahsa-amini-saiba-quem-e-a-jovem-cuja-morte-deu-origem-a-onda-de-protestos-no-ira.ghtml>. Acesso em 27 de ago. de 2023.

me orientaram sobre o conteúdo do meu livro e os temas a serem abordados com os outros entrevistados.

Meu principal critério para selecionar os outros oito entrevistados foi eles terem conhecido o Qatar antes da Copa do Mundo, por meio de pesquisas acadêmicas ou trabalhos relacionados ao país. Isso permitiu obter uma análise aprofundada sobre o evento e seu legado ao país e ao Oriente Médio.

Durante esse período, entrei em contato com cerca de 20 pessoas. Os oito estrangeiros apresentados no livro foram os únicos que responderam e concordaram em conversar comigo, entre março e maio de 2023. A abordagem incluiu um conjunto de perguntas padrão para todos, além de questões específicas para cada um, proporcionando uma ampla variedade de perspectivas.

Essa diversidade não se refletiu no que diz respeito ao gênero. Apenas duas das nove pessoas entrevistadas são mulheres. No entanto, é importante destacar que houve tentativas sem êxito de ouvir mais vozes femininas. Como consequência, a discussão dos direitos das mulheres qataris não foi aprofundada, em parte devido à preocupação de não reforçar

uma perspectiva já influenciada por nossa visão ocidental em um país majoritariamente cristão.

No contexto dessa preocupação, devo mencionar que encontrei dificuldades em entrevistar a única mulher qatari que aceitou meu convite. Inicialmente, Noof Al-Dosari concordou em conceder uma entrevista, mas solicitou que não fosse gravada em vídeo ou áudio, o que nos deixou apenas com a troca de e-mails como opção. Além disso, ela sugeriu reduzir pela metade o número de perguntas. Como resultado, sua entrevista é menos extensa em comparação com as dos outros personagens.

No início, planejei organizar os capítulos do livro por tema, mas devido à diversidade dos nove indivíduos entrevistados o resultado foi uma narrativa confusa, em que não era fácil saber quem era quem. Como solução, optei por organizar os capítulos por personagem, seguindo uma ordem que representasse uma progressão ideológica, começando com perspectivas mais favoráveis ao Qatar e ao Oriente Médio e concluindo com uma visão mais ocidental. Por essa razão, dei xe a perspectiva brasileira para o fim, trazendo um panorama e uma visão do Brasil sobre o assunto.

Houve a tentativa de incluir a imagem de todos os personagens, mas nem todos permitiram que suas fotos fossem usadas. Portanto, decidi não incluir a imagem de nenhum deles, com o objetivo de manter uma abordagem uniforme para todos.

Essa é a segunda versão do livro, escrita dois meses depois da original. A primeira foi analisada pelo meu orientador professor doutor Luciano Victor Barros Maluly e pela banca avaliadora com o professor doutor Luiz Fernando Santoro e a jornalista Victória Martins Damasceno. O livro em formato de pdf também foi enviado para todos os entrevistados. Esses últimos não sugeriram correções.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Marta, que é o meu maior exemplo e inspiração. Mesmo não tendo o ensino fundamental completo, ela sempre fez o possível para que eu seguisse com os estudos.

Aos meus irmãos, Glauzia (Gal), Maria Aparecida (Cidinha) e João Vitor (Tito), com quem tive uma infância cujos recursos eram escassos, mas que foram fundamentais na minha criação como irmão caçula, e por ajudarem minha mãe em todos os aspectos.

Aos meus sobrinhos, Paola e Pietro, que, curiosos, param para ouvir o que eu tenho a dizer e estão animados a cada passo profissional que dou.

Ao meu irmão, Luan, que conheci em 2018 e compartilhamos em nossas conversas informações enriquecedoras.

Ao meu pai, João Batista, a quem amo profundamente e que, mesmo com as adversidades, sempre me faz rir.

À minha cadelinha Lita, pela qual sou totalmente apaixonado desde quando a vi ainda filhote em uma caixa de papelão na rua, em 2009.

Às minhas tias paternas Maria Luiza e Severina (Moça), que moram em outro estado, mas que, quando têm oportunidade, me desejam o melhor.

Às irmãs de criação da minha mãe, Shirley, Sueli e Valquíria, que comentam a admiração que têm por mim.

Aos meus amigos de infância, Juliana, Daniel e Samuel (in memoriam), com quem vivi histórias inesquecíveis quando éramos crianças e que torcem pelo meu sucesso.

Aos meus amigos, Gabriel e Mariana, com quem divido desde a adolescência os melhores momentos de diálogos e reflexões.

Às amigas da minha mãe, Marilene, Jéssica (in memoriam) e Maria dos Anjos, além de outras que não tenho intimidade, mas que compartilham felicidade a cada etapa que prossigo.

À Escola de Comunicações e Artes (ECA), que me acolheu e me trouxe experiências incríveis que eu não imaginava que pudessem ser possíveis.

Ao meu professor orientador Luciano Victor Barros Maluly como símbolo de todos os docentes do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE), cujos ensinamentos levarei comigo.

À Camila Mazzotto, pela qual tenho um carinho profundo e que desde o início da graduação topou a parceria de que um leria e comentaria os trabalhos do outro.

Aos amigos Caio, Crisley, João Gabriel e Matheus Oliveira, que o CJE me deu e com os quais compartilho uma enorme admiração pessoal.

Aos amigos Giovanna, Kaique, Thaislane, Larissa Vitória, Beatriz Gomes e Beatriz Gatti, com os quais tive a sorte de conhecer e compartilhar momentos para além da faculdade.

À turma ingressante de jornalismo noturno de 2017. Eles não imaginam como foram fundamentais para que eu conseguisse lidar com minha insegurança de estar em um local que não foi

pensado para ser frequentado por pessoas com a minha origem.

À Universidade de São Paulo, que me forneceu bolsas de permanência desde o primeiro ano da graduação. Os benefícios foram cruciais para que eu pudesse continuar e aproveitar melhor as oportunidades dentro da própria instituição.

À equipe da Comissão de Relações Internacionais da ECA, especialmente à Thaise, que foi fundamental para que eu pudesse ser beneficiado por uma bolsa de mérito acadêmico e realizar um sonho inimaginável: o intercâmbio.

À Università degli Studi di Roma - La Sapienza, onde estudei por um semestre e foi o motivo de eu ter conhecido a Europa no primeiro semestre de 2022. Essa mobilidade acadêmica marcou minha vida profundamente.

Aos amigos que reencontrei nessa jornada, Ludmila, Rita e Rupert, além dos que fiz, Carol, Matheus, Bernardo, Isabel, Catharina, Gabriela, Thamy, Maria Eduarda, Lívia, Marina, Nycole, Leroy, Reza, Iván, Sahith e Keerthana (Keera).

À CEI Vila Penteado, à EMEI City Jaraguá IV, à Escola Estadual Parque Nações Unidas II, à Escola Estadual

República Argentina, à Escola Técnica Estadual Jaraguá e ao Cursinho Popular da Escola Politécnica da USP.

Em toda a minha trajetória educacional, estudei em instituições públicas e sei o quanto é importante enfatizar isso. Cada instituição serviu de degrau para minha formação.

Aos meus professores que sempre admirei e que contribuíram para saciar todas as curiosidades que tinha e continuo tendo.

Ao movimento negro que lutou para que existissem reservas de vagas como forma de recompensar todas as atrocidades às quais o povo afrodescendente é submetido no Brasil.

Aos ativistas pelos direitos LGBTQIA+ que lutam todos os dias para que pessoas como eu não sejam discriminadas e estejam vivas em todos os lugares.

Ao programa Bolsa Família e a todas as políticas públicas que buscam diminuir a desigualdade social no Brasil.

À Jornalismo Júnior, ao Jornal da USP, à Rádio USP, ao Memorial da Resistência de São Paulo, à Repórter Brasil, ao UOL Esporte, ao LabCidade FAU-USP e à Folha de São Paulo,

que me abriraram a porta e fazem parte da minha formação profissional como jornalista.

À Arlene Elizabeth Clemesha, ao Bader Emad Almaskati, ao Ibrahim Mohamed Ali, ao Ludwig Ström, ao Mahfoud Amara, ao Mikkel Glømmen Ege, à Noof Al-Dosari, ao Taleb Al-Adbah e ao Tarek Elias, por terem aceitado contribuir com minha ideia.

Esses e outros que possivelmente não estão nesta lista por razões de falha de memória foram fundamentais para que eu pudesse concluir esse ciclo.

Muito obrigado!

REFERÊNCIAS

AL-DOSARI, Noof. **Gulf Cooperation Council (GCC) Foreign Policy Discourse: Iranian Threat, Gulf Crisis and the Question of Khalijism.** 2020. PhD thesis – University of Essex.

AL-RAYYAN anuncia Róger Guedes, ex-Corinthians. GE, Al-Rayyan, 9 ago. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2023/08/09/al-rayyan-anuncia-roger-guedes-ex-corinthians.ghtml>. Acesso em 27 de ago. de 2023.

ALI, Ibrahim Mohamed. **Qatar and 'The Lone Spectator': The globalization of Qatari Football and the impact on local fan engagement.** 2022. Thesis (Master of Middle East Studies) – Department of Culture and Oriental Languages, University of Oslo, Oslo.

ALMASKATI, Bader Emad Mohammed Ali Mahdi. **Qatar's Nation Branding Strategies: The Effectiveness of Soft Power.** 2014. Paper (Master of International Studies and Diplomacy) – School of Oriental and African Studies, University of London, London.

AMES, Nick. **From women's team to grassroots game: questions linger in Qatar.** The Guardian, Doha, 30 Mar.

2023. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/football/2023/mar/30/from-the-womens-team-to-grassroots-football-questions-lingering-in-qatar-after-world-cup>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

ANISTIA Internacional Informe 2014/15: O Estado Dos Direitos Humanos No Mundo. Amnesty International.

Disponível em:

<https://www.amnesty.org/en/documents/pol10/0001/2015/bp/>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

BANCO do Catar faz nova oferta pelo Manchester United: R\$ 36,6 bilhões. GE, Manchester, Inglaterra, 7 jun. 2023.

Disponível em:

<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/2023/06/07/banco-do-catar-faz-nova-oferta-pelo-manchester-united-r-366-bilhoes.ghtml>.

BANDEIRAS arco-íris podem ser confiscadas dos torcedores durante a Copa como “proteção”. GE, Doha, 1 abr. 2022.

Disponível em:

<https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2022/04/01/bandeiras-arco-iris-podem-ser-tomadas-dos-torcedores-durante-a-copa-como-protecao.ghtml>. Acesso em 27 de ago. de 2023.

CATAR bane venda de álcool nos estádios na Copa do Mundo; saiba onde torcedores podem beber. G1, 18 nov. 2022.

Disponível em:

<https://g1.globo.com/mundo/copa-do-qatar/noticia/2022/11/18/qatar-bane-venda-de-alcool-nos-estadios-na-copa-do-mundo-do-qatar.ghtml>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

CATAR: Quatro anos de reformas laborais no Catar.

Organização Internacional do Trabalho, Doha, 1 nov. 2022.

Disponível em:

https://www.ilo.org/lisbon/whatsnew/WCMS_860135/lang--pt/index.htm. Acesso em 25 de jun. de 2023.

CONN, David. Qatar cash is stirring French football revolution at Paris Saint-Germain. The Guardian, 22 nov. 2011. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/football/blog/2011/nov/22/qatar-psg-french-football-al-jazeera>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

COPA do Mundo de 2022: o que mudou para os trabalhadores migrantes no Catar?. INU News, 16 nov. 2022. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/11/1805422>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

DE olho na Copa do Mundo 2030? Arábia Saudita assume controle de quatro clubes e busca grandes astros do futebol mundial. Lance!, Riade, 07 jun. 2023. Disponível em: <https://www.lance.com.br/futebol-internacional/de-olho-na-copa-do-mundo-2030-arabia-saudita-assume-controle-de-quatro-clubes-e-busca-grandes-astros-do-futebol-mundial.html>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

EGE, Mikkel Glømmen. Qatar under construction: A study of the pre-event process of the Fifa World Cup as an identity construction. 2020. Thesis (Master of Science in International Relations) – Faculty of Landscape and Society, Department of International Environment and Development Studies, Norwegian University of Life Sciences, Ås.

ELIAS, Tarek. Qatar's Sports Diplomacy as a Driver for International Visibility, Prestige, and Branding. 2021. Paper (Master of International Security) – Sciences Po, Paris.

ENTENDA o que é a braçadeira 'One Love' e por que a Fifa a proibiu. Folha de S.Paulo, 24 nov. 2022. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2022/11/entenda-o-que-e-a-bracadeira-one-love-e-por-que-a-Fifa-a-proibiu.shtml>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

Fifa Statement: Sale of Alcoholic beverages. Fifa, 18 nov. 2022. Disponível em:
<https://www.fifa.com/tournaments/mens/worldcup/qatar2022/media-releases/Fifa-statement-sale-of-alcoholic-beverages>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

FONSECA, João Pedro; NOGUEIRA, Leonardo; SETA, Vitor. **De olho na Copa de 2030, Arábia Saudita segue os passos do Catar com projeto ambicioso.** O Globo, Rio de Janeiro, 15 jan. 2023. Disponível em:
<https://oglobo.globo.com/esportes/noticia/2023/01/de-olho-na-copa-de-2030-arabia-saudita-segue-os-passos-do-catar-com-projeto-ambicioso.ghtml>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

GANJI, Sarath K. **How Qatar Became a World Leader in Sportswashing.** Journal of Democracy, nov. 2022. Disponível em:
<https://www.journalofdemocracy.org/how-qatar-became-a-world-leader-in-sportswashing>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

GBD 2019 Risk Factors Collaborators. **Global Burden of 87 Risk Factors in 204 Countries and Territories, 1990-2019: A Systematic Analysis for the Global Burden of Disease Study 2019.** The Lancet 2020; 396(10258): 123-1249. DOI:
[https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30752-2](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30752-2). Acesso em 25 de jun. de 2023.

HAYYA Card now valid until Jan 2024. Qatar tribune, 31 jan. 2023. Disponível em:
<https://www.qatar-tribune.com/article/47226/front/hayya-card-now-valid-until-jan-2024>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

IF you're travelling to Qatar, our travel advice and updates give you practical tips and useful information. Qatar - Department of Foreign Affairs, 23 mar. 2023. Disponível em:
<https://www.dfa.ie/travel/travel-advice/a-z-list-of-countries/qatar/>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

IRÃ na Copa do Mundo: entenda a situação política do país e a onda de protestos no Qatar. Lance!, Doha, 30 nov. 2022. Disponível em:

<https://www.lance.com.br/copa-do-mundo/ira/ira-na-copa-do-mundo-entenda-a-situacao-politica-do-pais-e-a-onda-de-protestos-no-qatar.html>. Acesso em 27 de ago. de 2023.

KNOPLOCH, Carol. **Saiba como a religião e a tradição determinam o guarda roupa dos muçulmanos no Catar**. O Globo, 19 nov. 2022. Disponível em:
<https://oglobo.globo.com/esportes/noticia/2022/11/saiba-como-a-religiao-e-a-tradicao-determinam-o-guarda-roupa-dos-muculmanos-no-catar.ghtml>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

LADEIRA, Sávio. **Como ficou a situação do trabalho escravo no Catar? País sede da Copa é alvo de denúncias de exploração**. G1, 20 nov. 2022. Disponível em:
<https://g1.globo.com/mundo/copa-do-catar/noticia/2022/11/20/como-ficou-a-situacao-do-trabalho-escravo-no-catar-pais-sede-da-copa-e-alvo-de-denuncias-de-exploracao.ghtml>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

LEWIS, Aimee. ‘It’s not safe and it’s not right.’ Qatar says all are welcome to the World Cup but some LGBTQ soccer fans are staying away. CNN, 19 nov. 2022.

Disponível em:

<https://edition.cnn.com/2022/11/19/football/qatar-world-cup-2022-lgbtq-rights-spt-intl/index.html>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

MAHSA Amini: saiba quem é a jovem cuja morte deu origem à onda de protestos no Irã. o Globo, Teerã, 23 set. 2022.

Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/09/mahsa-a-mini-saiba-quem-e-a-jovem-cuja-morte-deu-origem-a-onda-de-protestos-no-ira.ghtml>. Acesso em 27 de ago. de 2023.

NEYMAR é do Al-Hilal: time da Arábia Saudita anuncia contratação. GE, Riade, 15 ago. 2023. Disponível em:

<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-saudita/noticia/2023/08/15/neymar-e-do-al-hilal-time-da-arabia-saudita-anuncia-contratacao.ghtml>. Acesso em 27 de ago. de 2023.

NEYMAR posa com médicos no hospital após cirurgia no tornozelo feita no Catar. GE, Paris, 10 mar. 2023. Disponível em:

<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-frances/noticia/2023/03/10/neymar-posa-com-medicos-no-hospital-apos-cirurgia-no-tornozelo-feita-no-catar.ghtml>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

O que é o bisht? Entenda sobre o manto que Messi vestiu ao levantar a taça. Exame, 19 dez. 2022. Disponível em:
<https://exame.com/casual/o-que-e-o-bisht-entenda-sobre-o-manto-que-messi-vestiu-ao-levantar-a-taca/>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

O que sabemos sobre Neom, a cidade futurista da Arábia Saudita?. Casacor, 12 jan. 2023. Disponível em:
<https://casacor.abril.com.br/arquitetura/neom-cidade-futurista-arabia-saudita/>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

ONE Month On: 5 billion engaged with the Fifa World Cup Qatar 2022™. Fifa, 18 jan. 2023. Disponível em:
<https://www.Fifa.com/tournaments/mens/worldcup/qatar2022/news/one-month-on-5-billion-engaged-with-the-Fifa-world-cup-qatar-2022-%E2%84%A2>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

PATTISON, Pete. et al. **Revealed: 6,500 migrant workers have died in Qatar since World Cup awarded.** The Guardian, 23 fev. 2021. Disponível em:
<https://www.theguardian.com/global-development/2021/feb/23/revealed-migrant-worker-deaths-qatar-Fifa-world-cup-2022>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

PATTISON, Pete. **New labour law ends Qatar's exploitative kafala system.** The Guardian, 1 set. 2020. Disponível em:
<https://www.theguardian.com/global-development/2020/sep/01/new-employment-law-effectively-ends-qatars-exploitative-kafala-system>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

QATAR extends Hayya Card validity for visitors until Jan 2024. Gulf Times, 30 jan. 2023. Disponível em:
<https://www.gulf-times.com/article/654435/qatar/moi-annou>

nces-validity-extension-of-hayya-card-for-fans-and-organisers . Acesso em 25 de jun. de 2023.

QATAR National Vision 2030. The Amiri Diwan, 2023.

Disponível em:

<https://www.diwan.gov.qa/about-qatar/qatar-national-vision-2030>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

QATAR. Human Dignity Trust, 2023. Disponível em:

<https://www.humandignitytrust.org/country-profile/qatar/>.

Acesso em 25 de jun. de 2023.

SAFETY and security - Qatar travel advice. GOV.UK, 2023.

Disponível em:

<https://www.gov.uk/foreign-travel-advice/qatar/safety-and-security>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

SANTANA, Jonas Ribeiro de. **De maioria muçulmana, Catar é a próxima sede da Copa do Mundo**. Jornal da USP, São Paulo, 11 jul. 2018. Disponível em:
<https://jornal.usp.br/actualidades/de-maioria-muculmana-catar-e-a-proxima-sede-da-copa-do-mundo>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

SCANDALO, Ramiro. **Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai se candidatam para sediar Copa de 2030**.

CNN Brasil, 03 ago. 2022. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/argentina-chile-uruguay-e-paraguai-se-candidatam-para-sediar-copa-de-2030>.

Acesso em 25 de jun. de 2023.

SOUZA, Carinne. **Coreia do Norte poderia sediar a Copa do Mundo, diz presidente da Fifa**. Metrópoles, 21 nov. 2022. Disponível em:

<https://www.metropoles.com/esportes/futebol/coreia-do-nort>

e-poderia-sediar-a-copa-do-mundo-diz-presidente-da-Fifa.
Acesso em 25 de jun. de 2023.

Søyland, H. S., & Moriconi, M. (2022). **Qatar's multi-actors sports strategy: Diplomacy, critics and legitimisation.** International Area Studies Review, 25(4), 354–374.
<https://doi.org/10.1177/22338659221120065>

SPORTSWASHING. Cambridge University Press, 2023.
Disponível em:
<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/sportswashing>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

STRÖM, Ludwig. **Football World Cup in Qatar 2022 as a Soft Power mean - A discourse analysis of the Swedish media reporting, the Swedish football association, and Fifa.** 2021. Paper (Bachelor of Political Science) – Linköping University, Linköping.

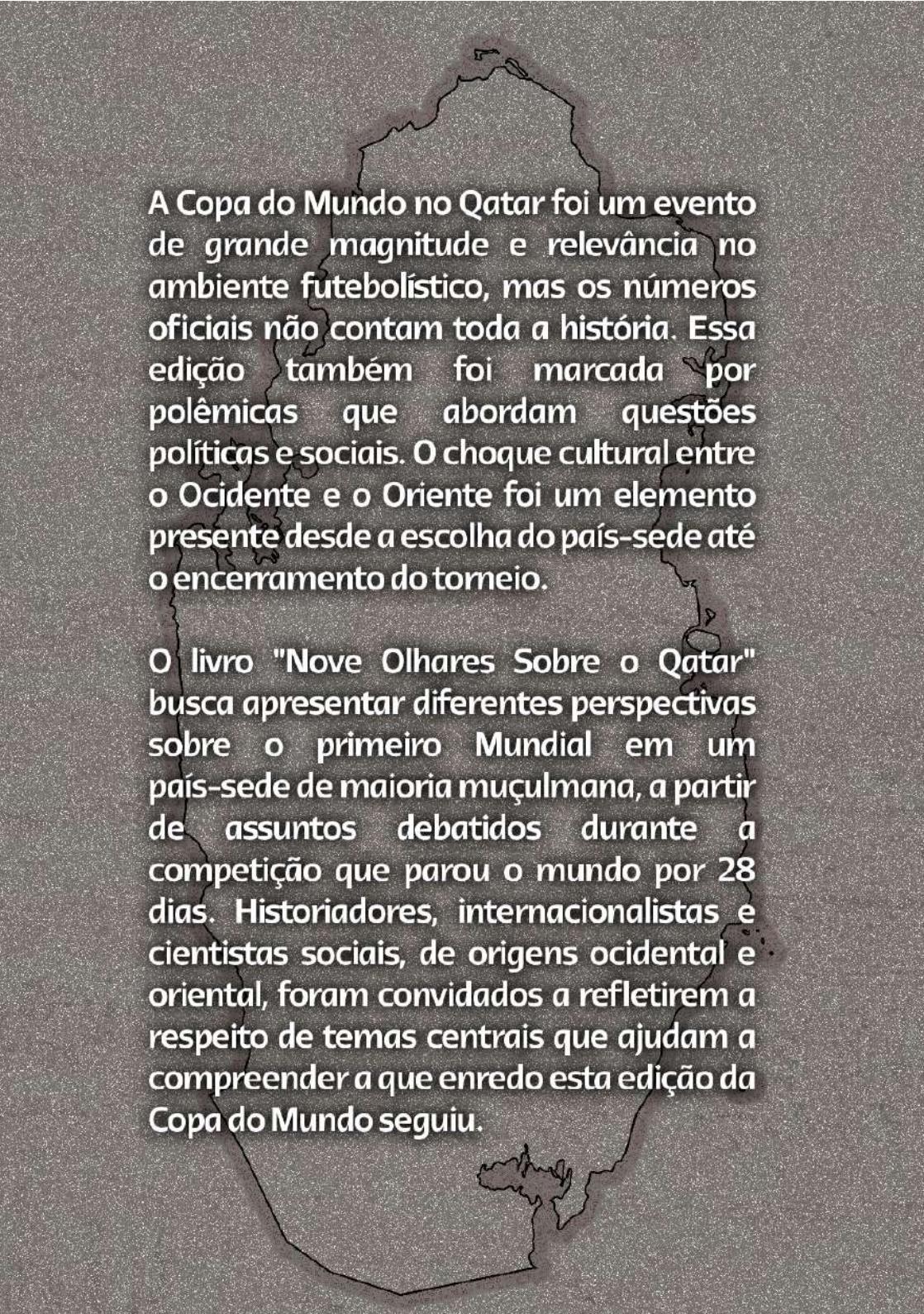
TRINDADE, Luciano. **Copa faz Qatar subir em ranking de 'soft power' e guerra derruba reputação da Rússia.** Folha de S.Paulo, São Paulo, 2 mar. 2023. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2023/03/copa-faz-qatar-subir-em-ranking-de-soft-power-e-guerra-derruba-reputacao-da-russia.shtml>. Acesso em 25 de jun. de 2023.

VAQUER, Gabriel. **Canal brasileiro vai exibir jogos de liga da Arábia Saudita com Cristiano Ronaldo.** Folha de S.Paulo, 4.ago. Disponível em:
<https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2023/08/canal-brasileiro-vai-exibir-jogos-de-liga-da-arabia-saudita-com-cristiano-ronaldo.shtml>. Acesso em 27 de ago. de 2023.

WALTER, Jan D.; FORD, Matt. **Fact check: How many people died for the Qatar World Cup?** Deutsche Welle,

16 Nov. 2022. Disponível em:

<https://www.dw.com/en/fact-check-how-many-people-have-died-for-the-qatar-world-cup/a-63763713>. Acesso em 25 de jun. de 2023.



A Copa do Mundo no Qatar foi um evento de grande magnitude e relevância no ambiente futebolístico, mas os números oficiais não contam toda a história. Essa edição também foi marcada por polêmicas que abordam questões políticas e sociais. O choque cultural entre o Ocidente e o Oriente foi um elemento presente desde a escolha do país-sede até o encerramento do torneio.

O livro "Nove Olhares Sobre o Qatar" busca apresentar diferentes perspectivas sobre o primeiro Mundial em um país-sede de maioria muçulmana, a partir de assuntos debatidos durante a competição que parou o mundo por 28 dias. Historiadores, internacionalistas e cientistas sociais, de origens ocidental e oriental, foram convidados a refletirem a respeito de temas centrais que ajudam a compreender a que enredo esta edição da Copa do Mundo seguiu.